



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE

KATHERINE CRISTINE COSTA CAMARGO

**UMA ANÁLISE SOBRE A LINGUAGEM NAS TIRAS DO
CAPIROTINHO DE GUILHERME INFANTE**

CAMPO GRANDE, MS.
2022



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE

KATHERINE CRISTINE COSTA CAMARGO

**UMA ANÁLISE SOBRE A LINGUAGEM NAS TIRAS DO
CAPIROTINHO DE GUILHERME INFANTE**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu – Mestrado Profissional em Letras (Área de Concentração: Linguística Aplicada) para a obtenção do título de Mestre em Letras sob orientação do Professor Doutor Nataniel dos Santos Gomes.

CAMPO GRANDE, MS
2022

KATHERINE CRISTINE COSTA CAMARGO

**UMA ANÁLISE SOBRE A LINGUAGEM NAS TIRAS DO
CAPIROTINHO DE GUILHERME INFANTE**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Estudos linguísticos

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Nataniel dos Santos Gomes (Presidente)
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Profa. Dra. Suellen Cordovil da Silva (Titular)
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará/UNIFESSPA

Prof. Dr. Daniel Abrão (Titular)
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Prof. Dr. Sérgio Ricardo Dusilek (Suplente)
Faculdade Batista de Minas Gerais/FBMG

Profa. Dra. Ana Paula Tribesse (Suplente)
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Campo Grande/MS, 25 de março de 2022.

Dedico este trabalho, a todas as pessoas que,
de alguma forma, me ajudaram,
Incentivando e encorajando-me por toda a
trajetória acadêmica.

Em especial aos meus filhos, que em muitos
momentos seguraram a minha mão e não me
deixaram desistir.

Aos meus pais, que mesmo não concordando
com o tema da pesquisa, foram fundamentais
para que ela se realizasse, sendo os mesmos,
minha principal fonte de inspiração religiosa.

O tempo altera todas as coisas,
não há razão para que a língua escape a esta lei universal.
(Saussure)

RESUMO

A pesquisa científica concentra-se na área de linguística aplicada por meio das tiras e charges de Guilherme Infante, cartunista, escritor e criador do personagem Capirotinho, uma figura supostamente maléfica que traz em sua significação pré-conceitos religiosos e culturais, relacionados com a maldade e perversidade sobrenatural que paira no mundo. A cultura religiosa ainda é comumente disseminada no Brasil, grande parte da sociedade busca viver sob a espera de um juízo final, divino e justo, que irá separar as pessoas boas e ruins para a vida eterna em Cristo, assim trazer uma pesquisa sobre o demônio em seus aspectos pós-modernos transgride não só essa dicotomia, mas diferentes conceitos pragmáticos acerca do pensamento humano. Nesse contexto, a pesquisa tem como objetivo principal a análise dos recursos simbólicos e linguísticos usados por Guilherme Infante na construção de um discurso pós-moderno, crítico e que retrata a sociedade brasileira nos diferentes setores de seu cotidiano, trabalho, educação, política e religião. Tais ambientes são considerados pelo cartunista com maestria, o mesmo consegue estabelecer a relação de diferentes manifestações da linguagens em prol de persuadir seus leitores a refletir sobre as demandas sociais causadas por transformações na modernidade recente (LOPES, 2013). O personagem questiona o ser humano e a sua ação diante de diferentes espaços narrativos, fazendo o uso de problemas sociais pertencentes ao cotidiano para mostrar a hipocrisia e criticar a desvalia das crenças humanitárias frente a sociedade pós-moderna. O conceito de pós-modernidade é trazido na presente pesquisa com o objetivo de interpretar a arte, a linguagem e os múltiplos nichos sociais trazidos por Guilherme Infante, pois a pós-modernidade traduz não somente a quebra de paradigmas e conceitos, mas diferentes modos de criticar a verdade criada na modernidade (HARVEY, 2016). A pesquisa traz a interpretação subjetiva dos quadrinhos de Guilherme Infante e demonstra a complexidade de discussões trazidas pelo cartunista, como política, religião e diferentes problemas sociais e ambientais. Ao longo dos anos, o cartunista trouxe, em diferentes perspectivas linguísticas, a mensagem da mudança, do pensamento fluido e fragmentado, utilizando elementos artísticos de outras épocas para construir um cenário que cause impacto em seus leitores, direcionando-os a refletir sobre suas ações na sociedade. As tiras de Infante também trazem aspectos pessoais, gostos musicais, literários e artísticos do cartunista, que despertam a proximidade com os leitores e caracterizam uma HQ brasileira, inovadora, indisciplinar, com fortes intertextos religiosos e multimidiáticos, fatores que aproximam as obras da realidade pós-moderna.

Palavras-Chave: O Capirotinho. História em Quadrinhos. Religião. Pós-Modernidade. Linguística Aplicada.

ABSTRACTO

las tiras y caricaturas de Guilherme Infante, dibujante, escritor y creador del personaje Capirotinho, una figura supuestamente malévolamente que trae en su significado preconceptos religiosos y culturales, relacionados con el mal. maldad sobrenatural que se cierne sobre el mundo. La cultura religiosa aún es comúnmente difundida en Brasil, gran parte de la sociedad busca vivir bajo la expectativa de un juicio final, divino y justo, que separará a los buenos y los malos para la vida eterna en Cristo, trayendo así una investigación sobre el diablo en en sus aspectos posmodernos transgrede no sólo esta dicotomía, sino diferentes concepciones pragmáticas sobre el pensamiento humano. En este contexto, la investigación tiene como principal objetivo el análisis de los recursos simbólicos y lingüísticos utilizados por Guilherme Infante en la construcción de un discurso crítico posmoderno que retrata a la sociedad brasileña en los diferentes sectores de su vida cotidiana, trabajo, educación, política y religión. . Dichos ambientes son considerados por el dibujante con maestría, logra establecer la relación de distintas manifestaciones de los lenguajes con el fin de persuadir a sus lectores a reflexionar sobre las demandas sociales provocadas por las transformaciones en la modernidad reciente (LOPES, 2013). El personaje cuestiona al ser humano y su acción frente a diferentes espacios narrativos, haciendo uso de problemáticas sociales propias de la cotidianidad para mostrar hipocresía y criticar la inutilidad de las creencias humanitarias frente a la sociedad posmoderna. El concepto de posmodernidad se trae en esta investigación con el objetivo de interpretar el arte, el lenguaje y los múltiples nichos sociales traídos por Guilherme Infante, ya que la posmodernidad traduce no sólo la ruptura de paradigmas y conceptos, sino diferentes formas de criticar la verdad creada en la modernidad (HARVEY, 2016). La investigación trae la interpretación subjetiva de las historietas de Guilherme Infante y demuestra la complejidad de las discusiones traídas por el dibujante, como la política, la religión y diferentes problemas sociales y ambientales. A lo largo de los años, el dibujante ha traído, en diferentes perspectivas lingüísticas, el mensaje de cambio, de pensamiento fluido y fragmentado, utilizando elementos artísticos de otras épocas para construir un escenario que impacte a sus lectores, orientándolos a reflexionar sobre su actuar en sociedad. . Las tiras de Infante también traen aspectos personales, gustos musicales, literarios y artísticos del dibujante, que despiertan la proximidad con los lectores y caracterizan una historieta brasileña, innovadora, indisciplinada, con fuertes intertextos religiosos y multimedia, factores que acercan las obras a la post realidad.- Moderno.

Palabras clave: El Capirotinho. Cómic. Religión. Posmodernidad. La lingüística aplicada.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. HISTÓRIA EM QUADRINHO E RELIGIÃO	15
1.1 O aspecto religioso do ícone	15
1.1 A representatividade da religião nas HQS	17
1.2 O nascimento do Capirotinho	19
2. AS TIRAS COM TEMÁTICA RELIGIOSA DO CAPIROTINHO EM ASPECTOS LINGÜÍSTICOS E PÓS-MODERNOS.....	23
2.1. Uma interface entre a imagem e o texto de Guilherme Infante e a tradição cristã	23
2.2 A linguagem pós-moderna em O Capirotinho.....	41
2.3 Guilherme Infante em preceitos pós-modernos e multimidiáticos.....	43
3. AS OBRAS IMPRESSAS DEMARCANDO A MULTIMODALIDADE:.....	50
3.1 O Capirotinho – Uma dose de porquês antes do fim.....	50
3.2 O Capirotinho: Manual para dias cinzentos	51
3.3 Capirotinho – E suas angustias de ninar	59
3.4 O Capirotinho: 5 anos	60
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	66
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	70

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Guilherme Infante	19
Figura 2 – Qual será a justiça?	24
Figura 3 – Luto por Orlando	26
Figura 4– Adão e Eva.....	28
Figura 5 – Orgulho.....	30
Figura 6 – Inveja.....	32
Figura 7 – Ira	34
Figura 8 – Avareza	35
Figura 9 – Gula	37
Figura 10 – Luxuria	38
Figura 11 – Preguiça	39
Figura 12 – Bruxas, Reis e Lobos	44
Figura 13 – O que importa?	48
Figura 14 – CAPA 1.....	50
Figura 15 – CAPA 2.....	52
Figura 16 – Ela fica	53
Figura 17 – Amor	54
Figura 18 – Política	55
Figura 19 – Trabalho	56
Figura 20 – Arte – Chaplin	58
Figura 21 – Arte – Pequeno Príncipe	58
Figura 22 – CAPA 3.....	61
Figura 23 – Nossa paz	62
Figura 24 – Paraíso.....	63
Figura 25 - Inferno	64

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa concentra-se na área de estudos Linguísticos, na linha de pesquisa em Linguística Aplicada, do Programa de Pós-graduação *Scriptu Sensu* Mestrado em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS na unidade de Campo Grande.

O método da pesquisa foi realizado em natureza bibliográfica e qualitativa, com o objetivo de descrever determinadas tiras e charges do cartunista Guilherme Infante, realizando uma análise reflexiva e interpretativa do conteúdo na área semântica e linguística. A coleta de dados da presente pesquisa foi realizada em obras publicadas nas redes sociais e obras impressas do autor, além da análise bibliográfica de estudiosos na área da linguística, da pós-modernidade e da religião.

A pesquisa tem como objetivo a análise linguística e discursiva das charges e tiras de Guilherme Infante, um cartunista mineiro que, segundo ele mesmo em busca de libertar-se da insônia e de crises de ansiedade, criou um personagem simbólico das religiões cristãs, que paira pelas redes sociais, distribuindo seus conselhos ácidos e politicamente incorretos sobre os problemas da humanidade. Representando e até contando a história da pós-modernidade, trazendo intertextos de diferentes disciplinas para compor sua narrativa, fazendo de suas tiras, fotografias cômicas e irônicas da sociedade brasileira.

Moita Lopes (2013) diz que na modernidade recente, a linguagem, os textos, as línguas e as pessoas movem-se, cada vez mais, em sociedades hipersemiotizadas, essa fala traz em essência o objeto de pesquisa dessa dissertação, a representação de uma era hipersemiotizada por meio das charges e tiras de Guilherme Infante, traz para a sociedade uma subversão do conceito do mal para a vida humana, ainda culturalmente religiosa.

A análise foi feita com base em 21 (vinte e uma) figuras entre charges e tiras de Guilherme Infante, publicadas no site do *Instagram*, nos anos de 2014 a 2021 e concentrada em suas obras impressas, *O Capirotinho: uma dose de porquês antes do fim*, *O Capirotinho em manual para Dias Cinzentos*, *Capirotinho e suas angústias de ninar* e *O Capirotinho 5 anos*. As tiras e charges, tanto impressas como em formato *webcomics*, envolve multimodalidades de mensagens e o uso de diferentes

signos para dar base a um discurso realista e irônico de um demônio que abomina a realidade.

Guilherme Infante, não é só *um* cartunista e escritor, ele é a resposta da sociedade para o preconceito, a intolerância religiosa, a desigualdade social, os problemas políticos e as demandas ideológicas e sociais. O cartunista passeia por diferentes discursos, transcende e reinventa os espaços habitados por sua obra, se inovando e retomando conceitos históricos para explicar como o ser humano chegou até aqui. Por mais complexo que seja entender algumas de suas tiras, a representação se torna fundamental frente à modernidade leve, líquida e fluida que atravessa ideologias e assume identidades para se encaixar nos moldes da sociedade. (BAUMAN, 2014)

Os signos da escrita, dos contornos, das imagens, dos letreiramentos, da fotografia, do cinema, as construções de sua página e até o designer na disposição de seus quadrinhos tem um objetivo discursivo e uma funcionalidade, fator que chama atenção dos leitores e se faz pertinente para a produção dessa pesquisa, visto que sua obra é uma representação da sociedade brasileira e a história contada de sua geração frente às vivências e experiências de vida da modernidade e agora, da pós-modernidade.

Relacionar as tiras de Infante como fruto da pós-modernidade corrobora com a mensagem trazida aos leitores e seguidores do personagem. O aspecto de autoajuda demoníaca rompe com os paradigmas modernos, onde qualquer tipo de ajuda provém do bem e de Deus. O conceito de pós-modernidade de Harvey (2016), mostra a atual sociedade e busca demonstrar a complexidade de discussões em diferentes temas sociais que antes não eram abordados e agora estão constantemente presentes no cotidiano da vida humana.

Guilherme Infante traz para seus leitores fatos não contados pela sociedade, ignorados ou mascarados pela política, subvertidos pela religião e censurados em escolas de ensino básico. Apesar de usar um personagem simbólico, as tiras e charges não trazem apenas a religião para ser questionada, são múltiplos cenários sociais fotografados e ironizados por meio das cores, riscos e frases ácidas. A capacidade do cartunista de utilizar inúmeros meios para demonstrar e representar a pós-modernidade caótica chama a atenção de seus leitores e seguidores,

propondo um incomodo e uma discussão sem fim, sobre o que estamos fazendo com o mundo.

Por milhares de anos utilizamos a nossa linguagem para viver em sociedade e por meio dela e só por ela, algumas pessoas detêm o poder. A libertação é o grande objetivo do cartunista, considerando que direciona o seu leitor a indagar constantemente sobre a dicotomia entre bem e mal, já que essa dualidade é o que move nossas ações. No âmbito pós-moderno, o cartunista traz à suas Histórias em quadrinhos a desconstrução dos paradigmas modernos, demonstrando a fragmentação do pensamento e a fluidez da identidade, dentro de uma sociedade, que vive sob os preceitos religiosos e é refém de inúmeros problemas sócio-políticos.

Em nossa análise foram utilizados textos bíblicos como contraste a algumas tiras analisadas, considerando que o cartunista utiliza além do símbolo demoníaco, frases e caricaturas de personagens cristãos em suas tiras e charges. Por vezes, também traz cenários que remetem às histórias contadas na bíblia e apesar dos intertextos e das inferências, Guilherme a traz de forma mais irônica e com o objetivo de desconstruir o livro, até então, usado como guia de vida para muitos religiosos.

Barbieri (2017) tece uma introdução sobre enxergar a linguagem como ambientes nos quais vivemos e que determinam quem somos e o que queremos ser. É pertinente utilizar essa obra, pois transmite a história do Capirotinho e seu criador, sendo que o personagem é fruto de um ambiente, de uma geração, de um meio social e de um momento econômico e político no qual o seu criador está inserido. Não deixando de utilizar ou formar outros tipos de linguagens para construir seus resultados por meio de seus atos de fala.

Ramos (2019) direciona a sua abordagem para uma leitura linguístico-textual das Histórias em quadrinhos, em que podemos analisar a fala em suas diferentes manifestações como objeto primordial da língua, seja em uma linguagem verbal ou não verbal, sendo essencial para o entendimento dos sentidos sugeridos pelas cores, contornos e até as legendas usadas por Guilherme Infante, visto que o cartunista utiliza diferentes meios linguísticos em seus quadrinhos trazendo um conteúdo elíptico que se relacionam com o texto ou o com a cena narrativa.

As obras de Guilherme Infante têm caráter flexível e indisciplinar, fato que corrobora com os estudos da linguística aplicada na atual modernidade,

descentralizando o conhecimento do campo em apenas estudos em sala de aula, aplicando-se a construção do pensamento crítico em diversos setores de comunicação, por esse motivo, sua análise utilizando um meio flexível entre quadrinhos e estudos linguísticos, corrobora com o objetivo do trabalho e enriquece os conhecimentos adquiridos durante a pesquisa.

Moita Lopes (2013) traz olhares e perspectivas que representam a linguística utilizada por Guilherme Infante. Apesar de não obter possíveis conhecimentos profundos no ramo da linguística, Infante inova com sua obra e transgride os *templates*, abraçando a pós-modernidade indisciplinar e compreendendo as novas demandas de natureza ética, política, religiosa ou social.

Essa pesquisa foi dividida em três capítulos, sendo que o primeiro traz um panorama do ícone, usado por Guilherme Infante, como representação religiosa nas histórias em quadrinhos e alguns exemplos de relações existentes entre os personagens de HQs e a religião em aspectos narrativos das obras. O capítulo termina trazendo a história de nascimento do Capirotinho na voz de seu criador, os rabiscos iniciais da HQ e o valor semântico que Infante buscou agregar por meio de suas tiras.

O segundo capítulo traz a análise crítica e interpretativa das tiras e charges de Infante, publicadas na rede social *Instagram*. Considera-se nessa análise, os conceitos teóricos trazidos pelos estudiosos supracitados e as bases culturais e históricas da sociedade brasileira, para traduzir e interpretar a construção da tira de Infante. As intersecções de diferentes artes compõem os cenários das tiras e charges do cartunista, buscando direcionar seus leitores a refletir sobre as novas demandas sociais que fazem parte do cotidiano brasileiro.

O terceiro e último capítulo contempla a modalidade impressa das obras de Guilherme Infante com o Capirotinho. Trazendo para as páginas impressas, nota-se a evolução das tiras, diferentes técnicas nos desenhos, nos contornos, nos balões, nas sarjetas, o uso mais acentuado de cores no objetivo de transmitir sensações e o uso de uma nova modalidade para a presença do Capirotinho. O capítulo traz, de forma sucinta, a relevância de cinco obras impressas publicadas de 2017 a 2020, Uma dose de porquê antes do fim, O Capirotinho em manual para dias cinzentos, O Capirotinho e suas angustias de ninar e o Capirotinho – 5 anos.

Como citado acima, o capítulo a seguir tratará da relação entre quadrinhos e religião, dando início e base para os próximos assuntos dissertados acerca do tema.

1. HISTÓRIA EM QUADRINHO E RELIGIÃO

As Histórias em Quadrinhos, doravante HQs, são um dos gêneros mais populares no mundo. A infância e até adolescência de muitas pessoas foram marcadas pela presença dos gibis da Turma da Mônica, e tal fato é muito comum nas histórias dos brasileiros, até porquê, o cenário educacional do país trouxe as HQs como estratégias de leitura e aprendizado da Língua Portuguesa. No passado eram tidas como uma espécie de arte literária reduzida e usada como passatempo para crianças ou apenas como ferramenta de ensino. Na atualidade, esses preconceitos são aos poucos desconstruídos, considerando as importantes produções científicas sobre o gênero e a sua presença constante dentro e fora da sala de aula.

No próximo tópico, a pesquisa contempla o aspecto religioso do ícone e sua importância na construção cultural e histórica do homem.

1.1 O aspecto religioso do ícone

A fim de relatar e demonstrar sua fé o homem aderiu à iconografia religiosa, uma forma quase poética para demonstrar suas emoções para com a obra do ser supremo, “dita como uma forma de arte que se tem usado no cristianismo desde a antiguidade e que se conservou na Igreja Ortodoxa, como expressão de sua fé” (TAMANINI, 2009, p. 1303). Por meio dessa construção de ícones, a dicotomia passou a fazer parte dessa linguagem iconográfica, luz e trevas ganham sinônimos religiosos, assim como um caráter qualitativo, quanto mais brancos e luminosos, mais fica subentendido a aproximação da pureza com o ser celestial.

O contrário acontecia com as cores escuras e sombrias, que classificavam a aproximação com o inimigo do ser supremo, o Diabo. Além dessa diferença, a criação de imagens angélicas, com rostos gordinhos, asas brancas e emplumadas passaram a ser utilizadas para compor de modo figurado, a presença de Deus, como acompanhantes enviados do Deus gentil, os anjos.

Segundo Tamanini a adesão do ícone por parte da tradição ortodoxa vem:

Na medida em que a Beleza é um dos nomes de Deus e onde há beleza há harmonia e Deus está presente. [...] Deus criou o mundo e viu que era bom! O Criador de todas as coisas fez sua obra e a contemplou, portanto, a arte tem a função sagrada de nos transmitir uma verdade; desta decorre a beleza de uma obra. Nesse sentido, a arte sacra ocupa um lugar de primeira ordem como verdade teológica e transfigurada nas vivências. (2009, p.1304)

A arte passou a ser a representação mais próxima do discurso sacro e um mecanismo usado para aproximar o homem de deus. O anjo, a luz, o demônio e as trevas passaram a serem representações do céu e do inferno, “uma imagem-um protótipo, um modelo na realidade, venera-se a pessoa representada não o objeto em si.” (TAMANINI, 2009, p.1304) Essa é a finalidade preponderante do ícone nas religiões, uma representação do que seria não uma representação do que é.

Falar sobre o uso da iconografia religiosa é abordar a sociedade em sua essência tradicional. Fomos criados na crença de que existem dois mundos, sendo que um mundo é bom, que está acima da terra, é azul, iluminado e lá há paz. O outro mundo é mau, está abaixo da terra, é escuro, vermelho e não há paz. Visto isso, vivemos categorizando nossas ações e direcionando nossas condutas ao suposto bem, a maior parte da sociedade não usa roupas escuras em casamentos e não compram esculturas com chifres e rabos de tridente, evitam pintar as paredes internas de suas casas com cores escuras e só acendem velas claras.

Todo o oposto ao supracitado remete a cultos demoníacos ou satânicos, ou seja, ao mau. De fato, os ícones e símbolos religiosos são reproduzidos por gerações e sugerem diferentes expressões linguísticas, que analisadas de forma científica, demonstram suas inferências históricas nas condutas sociais, principalmente quando relacionamos às ideologias.

O Capirozinho, em suas características demoníacas, já afasta alguns leitores, visto toda a carga cultural que o ícone do demônio transmite. A capa de um livro com a figura de um “demônio” intitulado *Manual para dias cinzentos* sugere a participação do demônio nos dias cinza, direcionando o leitor a realizar determinadas condutas, abrir esse livro já desperta alguns tabus existentes na sociedade, por esse motivo é importante trazer a religião e a importância do ícone demoníaco, pois introduz reflexões acerca de pensamentos ainda fundamentalistas e por vezes preconceituosos. Destacando que quando abrimos o livro de Infante, citado

anteriormente, o que temos é a leitura de conselhos realistas para os dias depressivos, uma espécie de resgate psicológico do leitor.

1.1 A representatividade da religião nas HQs

As HQs ganham, na atual realidade, relevante espaço na vida das pessoas. Crianças, jovens e adultos buscam os seus heróis, heroínas e até os anti-heróis que mais se identificam dentro dos gibis de diversos gêneros. A luta entre o bem X mal na busca da salvação do mundo é um dos temas mais recorrentes. As ilustrações chamam a atenção com seus traços artísticos e desenhos que são literalmente, obras de arte. Sobretudo, um dos aspectos mais interessantes, que chamam a atenção dos leitores, é a representação de um ideal: A moral, os valores, o bem, o justo e a lealdade, aproximam os leitores de seus super-heróis.

Questões de vida e morte são de interesse do filósofo, do pastor e do cavaleiro mascarado. Em segundo lugar, a teologia cristã, em particular, e os quadrinhos às vezes partilham alguns dos mesmos personagens em suas respectivas interpretações. O Diabo, por exemplo, aparece na Bíblia, no Universo Marvel e na série *Spawn* de Todd McFarlane, entre outras fontes. Demônios pulam em ambos os contextos, e até anjos fazem uma aparição relâmpago, mais importante, nos dois mundos. (MORRIS, 2009, p. 198)

Lúcifer¹, da *Vertigo comics*, é um dos maiores exemplos de quadrinhos voltados à religião. A história começa com o abandono do inferno, como se fosse uma continuidade à história contada na Bíblia no livro Apocalipse.

Houve então uma guerra nos céus. Miguel e seus anjos lutaram contra o dragão, e o dragão e seus anjos revidaram. Mas estes não foram suficientemente fortes, e assim perderam o seu lugar nos céus. O grande dragão foi lançado fora. Ele é a antiga serpente chamada Diabo ou Satanás, que engana o mundo todo. Ele e os seus anjos foram lançados a terra. (BÍBLIA ONLINE, APOCALIPSE 12:7-9).

Na HQ a versão de Lúcifer de Neil Gaiman está entediada e cansada do inferno, resolve passear pela terra e busca, longe dos domínios do pai, seu livre-arbítrio. Nesse momento de aposentadoria, Lúcifer recebe uma missão de Deus, seu próprio pai. Desde então começa a trabalhar como consultor do departamento de

¹Criado por Neil Gaiman, Sam Kieth e Mike Dringenberg em 1989, como personagem coadjuvante em *The Sandman*.

polícia e embarca na missão de salvar a Criação, mas especificamente a cidade de Los Angeles.

Entre mitos e histórias sobrenaturais na busca de salvar a criação de seu pai, Lúcifer passeia pela humanidade, distribui seu humor ácido e ao ajudar a polícia, desconstrói muitos mitos acerca de sua existência. A HQ é cercada de passagens bíblicas e ritos religiosos, deixando claro suas críticas e sendo talvez, uma discussão pós-moderna sobre a religião na atual sociedade.

Outro exemplo da representatividade da religião nas HQs é a semelhança do personagem Super-Homem com a figura cristã de Jesus Cristo.

E, como sugeria o recordatário de abertura da história de “origem” de Superman em 1939 – “POUCO ANTES DE O CONDENADO PLANETA KRYPTON EXPLODIR, FRAGMENTANDO-SE, UM CIENTISTA COLOCOU SEU FILHO AINDA BEBÊ DENTRO DE UM FOGUETE EXPERIMENTAL., LANÇANDO-O EM DIREÇÃO À TERRA” -, ele era como o bebê de Moisés, ou Karna, dos hindus, deixado num “cesto” à deriva pelo rio do destino. E havia também a divindade ocidental que ele mais lembrava: Superman era Cristo, o campeão imortal enviado pelo pai celestial (Jor-EL) para nos redimir pelo exemplo e nos ensinar a resolver nossos problemas sem precisarmos matar uns aos outros. (MORRISON. Grant, 2012, p.35)

Esse clássico super-herói, criado em 1938 por Jerry Siegel e Joe Shuster, também traz elementos que nos lembram o cristianismo. Desde o seu surgimento na terra, as semelhanças com a figura cristã se tornam recorrentes. A sua chegada em circunstâncias fantásticas semelhantes à história da chegada de Jesus Cristo e o fato de ambos serem homens simples do campo ao mesmo tempo em que são salvadores de um reino na luta contra o mal. MORRIS. Matt, MORRIS. Tom, (2009)

Não são necessários muitos exemplos para mostrar que a religiosidade é parte fundamental de muitas narrativas, usadas não somente para representar a ideologia, mas para provocar uma reflexão ao leitor sobre a base de sua identidade cultural e religiosa. Os aspectos mórbidos e símbolos satânicos passeiam pelas páginas dos vilões das histórias, cores e ícones norteiam as narrativas, com elementos religiosos e em muitos casos são responsáveis pelo maior interesse do público nas histórias.

E em meio a essa representatividade religiosa persistente e muitas vezes despercebida nas HQs, o surgimento do Capirotinho escancara a importância da religião na construção da cultura e da história na sociedade. Criado em meio ao caos, o próximo tópico desse capítulo narra, na voz de Guilherme Infante, a motivação e a inspiração usadas para dar cor e forma a essa criatura infernal e demoníaca.

1.2 O nascimento do Capirotinho

O Capirotinho, como ícone linguístico, é um ato religioso. Criado por Guilherme Infante, o espectro monocromático vermelho pairando no ar de aparência grotesca, com os olhos esbugalhados e seu contorno estruturalmente desproporcional, representa o demônio, o coisa ruim, o cavaleiro do inferno, o satanás, dentre outros nomes conhecidos popularmente por nós brasileiros.

A coragem de seu criador subverte os valores perpassados em gerações. O Capirotinho veio para mostrar que nós não somos a imagem e semelhança de “deus”, que não adianta propagar a paz e a compaixão em seu nome e iniciar guerras catastróficas, matar pessoas, pregar a destruição para aqueles que não o seguirem. Ele não foi expulso por Deus direto para o inferno, foi castigado e enviado a terra para sofrer com os feitos da raça humana e pede desesperadamente para ser abduzido.

Figura 1 - Capirotinho cantando a bola do jogo



INFANTE. Guilherme. O_capirotinho. INSTAGRAN, 29 de agosto de 2016. Disponível em <https://www.instagram.com/o_capirotinho/> Acesso em 2 de março de 2021.

Guilherme Infante fez de sua arte, a representação mais próxima de seus demônios e apesar de parecer tão particular, percebeu que seus sentimentos eram comuns em outros brasileiros. O estudo da linguística nas entrelinhas de suas obras coloca o personagem de Infante, fora do contexto proposto pela religião, mas não desconstrói a simbologia que o ícone carrega.

No livro de aniversário dos cinco anos do Capirotinho, Guilherme Infante, cartunista e criador do personagem, traz sua história detalhada do que costumamos ouvir em suas entrevistas. Conta sua trajetória no interesse como leitor de arte sequencial e como sua vida foi moldada pelos quadrinhos. Assim como para muitos de nós, os gibis foram ferramentas de ensino da leitura e escrita na vida do cartunista.

Infante nunca foi um bom aluno, quando terminou o ensino médio escolheu não cursar a faculdade, passou em um concurso público e conseguiu viver de maneira confortável durante alguns anos. Com interesse em prestar concursos públicos de nível superior, decidiu ingressar na faculdade para fazer o curso de Tecnologia da Informação e alguns semestres depois, já trabalhava como analista de sistemas em uma multinacional (INFANTE 2020).

A jornada desgastante entre trabalho e faculdade não afastou o cartunista de seu interesse pelos quadrinhos, porém causou grande impacto em sua saúde, gerando crises de ansiedade e insônia, sendo necessária a realização de um tratamento terapêutico e o uso de medicamentos (INFANTE, 2020).

O autor percebeu que precisava libertar seus demônios e suas angústias, aliando-se à sugestão de tratamento terapêutico em encontrar uma atividade que gostasse de fazer. E mesmo sem habilidades em desenhar, surgiram os primeiros rabiscos das tiras de um protagonista, um tanto quanto indigesto (INFANTE 2020).

A inspiração do ícone, conforme relatou em sua obra supracitada foi a música do cantor e compositor Chico Buarque, “Ode aos Ratos”, em um dos trechos da música, Chico Buarque versa: Saqueador da Metrópole/ Tenaz roedor/ De toda esperança/ Estuprador da ilusão/ Ó, meu semelhante/ Filho de Deus meu irmão. Assim Infante seguiu em busca de desenhar uma criatura que fosse a mistura de um rato e um diabo.

No primeiro momento, pensei em fazer um personagem moralmente errado, que fosse naturalmente julgado pelo senso comum. Também queria algo

incômodo e indigesto. Foi então que me lembrei da música do Chico Buarque, Ode aos Ratos. [...] Era esse sentimento que buscava. Um ser questionador, subversivo e, ainda assim, outro filho de Deus. (INFANTE, 2020, p.194)

Os desenhos, ainda com traços inexperientes, foram fotografados e publicados nas redes sociais de Guilherme Infante, compartilhados por seus *amigos* e *amigos de amigos*. A cada dia, novos seguidores se interessavam em conhecer as tiras e compartilhavam das mesmas ideias e interesses do cartunista, enquanto buscava fazer uso de materiais mais sofisticados e aperfeiçoar os traços do Capiroto, proporcionando mais qualidade aos seus seguidores.

A sugestão terapêutica criou seguidores e se espalhou pela internet, logo se percebeu que algo acontecia no país, Infante não estava sozinho, seus seguidores também estavam insatisfeitos, também compartilhavam de suas frustrações, também seguiam o fluxo da sociedade como meras engrenagens substituíveis e precisavam desabafar.

Sobre o nome, talvez uma coisa tenha levado a outra, no Brasil, Capiroto é uma gíria popular para demônio, como o personagem tem os aspectos demoníacos e a intenção do autor foi utilizar de um recurso para expor sua liberdade de falar, sem aspectos éticos ou morais, julgou ser a melhor escolha. O Capiroto é um símbolo culturalmente errado, o nome só fez mais sentido ao personagem.

No sentido conceitual, acredita-se que o substantivo Capiroto é uma variação da palavra capirote, derivada da língua Gascão, falada minoritariamente na França e na Espanha. Capirote, no dicionário de língua espanhola é: cone de papelão coberto de tecido usado pelos penitentes nas procissões da semana santa.

Segundo Enrique Ventosa Hierro, em um artigo no site Espanhol Jerez sin Fronteras em 2019:

A origem do capirote, caperuza ou capuchón está no começo da inquisição, na Idade Média, quando as pessoas que estavam castigadas por motivos religiosos eram obrigadas a usar uma vestimenta de pano que cobria o peito e as costas, chamado de *sambenito*, e um cone de papelão como sinal de penitência. Assim, o mundo inteiro poderia ver que eles eram pecadores.

Como se acredita que essa seja a palavra que originou a gíria brasileira para o Capiroto, pode-se estabelecer uma forte conexão religiosa e dizer que tem-se um amparo ao termo usado popularmente para designar “o coisa-ruim”. De maneira

superficial, às vezes, sem compreender as astúcias da língua portuguesa, criamos uma palavra com uma carga cultural que perpassa gerações e ainda é influenciadora de várias denominações.

Guilherme Infante usa dessa carga religiosa para transmitir a sua mensagem, que iria além de seus problemas pessoais. Como ícone politicamente incorreto e de moral duvidosa, o personagem tem sua própria identidade, contraditória a tudo o que a sociedade impõe sobre suas características maléficas, transgride os preceitos religiosos com as realidades da vida humana. Aliado a um discurso que beira a auto-ajuda, o personagem contrasta com a positividade vista nas redes sociais e traz uma mensagem realista e próxima do seu leitor.

Os quadrinhos de Guilherme Infante atravessam os diferentes nichos sociais, a escolha do símbolo inspirada em uma música, a cor do personagem remetendo ao conhecimento histórico sobre a simbologia, a escolha do nome que atendia os objetivos do autor. Esses assuntos podem até não serem decisões pensadas por meio de conhecimentos científicos, mas eles colaboram para a construção do ambiente linguístico. Isso é cenário das diferentes narrativas trazidas pelo autor. No próximo capítulo, analisa-se aspectos linguísticos do trabalho de Guilherme Infante com o Capirotinho.

2. AS TIRAS COM TEMÁTICA RELIGIOSA DO CAPIROTINHO EM ASPECTOS LINGUÍSTICOS E PÓS-MODERNOS

A simbologia maléfica que envolve o personagem Capirotinho não é um campo externo à identidade do seu criador. Destacando que Guilherme Infante se considera uma pessoa cética e busca distanciar-se ao máximo do personagem, é quase impossível não notar que a própria criação do Capirotinho é uma crítica do autor à religião.

No mundo minimalista das tiras do Capirotinho, Infante aborda a hipocrisia religiosa como o grande pecado da humanidade. Os preceitos religiosos estão enraizados na nossa cultura e representados por meio das ciências humanas nas diversas modalidades de comunicação, sobretudo para nos apresentar a escatologia nos persuadindo a seguir determinados caminhos, denominados certos ou errados, dependendo da visão de universo que temos.

2.1. Uma interface entre a imagem e o texto de Guilherme Infante e a tradição cristã

O personagem do Capirotinho se torna uma figura menos infernal, passando pelo dilema dos dias ruins e depressivos do cotidiano, o discurso da figura tão dicotômica representa a revolta, a tristeza, o desânimo, a apatia e talvez o fim da humanidade. Sua aparição nas histórias em quadrinhos traz um receio inicial ao leitor. Quais serão as aventuras do Diabo?

Para Vergueiro (2014, p.40), “o enquadramento ou planos representam a forma como uma determinada imagem foi representada, limitada na altura e largura, da mesma forma, como ocorre na pintura, na fotografia e no cinema”, as tiras de Infante, são compostas de uma ou duas vinhetas em uma página, contornos rabiscados, esteticamente rudimentares, proporcionando uma representação menos uniforme e mais flexível.

O cartunista também faz uso da metalinguagem com as linhas demarcatórias dos quadrinhos, não só com as ações do personagem, mas com a própria imagem, como se a linha que corta a imagem representasse o tempo passando, porém, o personagem continua tácito em sua ação. Na maioria das tiras não há sarjetas e os

balões nem sempre aparecem com apêndice ou às vezes, nem aparecem balões, ocupando os espaços vazios das imagens, formando uma única composição.

Por meio do contexto visual é possível perceber que são falas do Capirotinho, do narrador, de Deus, dos anjos e quase sempre, a comunicação é destinada ao leitor, dificilmente ele dialoga com outro personagem. Esse recurso harmoniza com as imagens, o autor utiliza dos espaços vazios do fundo para dialogar com o leitor ou com o próprio personagem, sempre com o letreiramento realizado a mão, quase sempre se destacando mais do que as imagens.

Com um humor ácido e satírico, propõe reflexões em diferentes fluxos do cotidiano com metáforas visuais. Suas tiras já são simbolicamente religiosas e todas têm o cunho religioso, seja através de discurso ou no uso de símbolos. Por esse motivo, cabe destacar algumas, para demonstrar como o autor usa do seu personagem para ironizar os religiosos e possíveis crentes em uma força sobrenatural. Em muitos momentos, Infante deixa claro a transposição de seu ceticismo ao personagem, sem os balões, em apenas um quadro, como se fosse apenas um retrato. Infante faz indagações, reflexões e cabe aos leitores formarem uma opinião.

Figura 2 – Qual será a justiça?



INFANTE. Guilherme. O_capirotinho. INSTAGRAN, 30 de janeiro de 2016. Disponível em <https://www.instagram.com/o_capirotinho/> Acesso em 2 de março de 2021.

Na figura 2, o cartunista ironizou a crença da humanidade sobre a existência de um “juízo final”, sob um fundo claro, azul e supostamente celeste, o demônio decide quem é o certo ou errado em seu trono de cimento. Ainda com traços mais rudimentares, ou seja, com os chifres maiores e sombras representadas por rabiscos não lineares, o Capirotinho julga em um aspecto sereno de olhos fechados. Infante não trouxe uma simples indagação. A legenda da tira realça o eu lírico, abordando sua convicção em relação às crenças e desconstruindo uma suposta e real justiça no fim da humanidade.

De forma subjetiva, trazer o demônio de olhos fechados sentado em um trono de cimento indica que o cartunista não acredita em justiça, seja ela divina ou concreta, só há indiferença e descaso. Muitas indagações podem ser feitas com base nessa figura, como: Quem é o demônio? Deus ou o Juiz terreno? A quem cabe a missão de julgar? Esse julgador é moralmente capaz? E se não for? E se o juiz fosse o demônio, qual seria a justiça? De onde vem à justiça?

Na imagem acima, a figura 2 causa um processo de transgressão da linguagem dos quadrinhos, pois o autor consegue prender a atenção do leitor em busca de respostas, assim só surgem mais indagações e reflexões. E esse é o grande objetivo que é a característica principal das tiras de Guilherme Infante, a provocação, causar um incômodo, desconstruir convicções, desmistificar o “suposto” mal. O autor usa a linguagem de diferentes modalidades para atingir seu objetivo, as cores de fundo claro, o desenho de um trono cinza (supostamente de cimento), o símbolo do demônio de olhos fechados, a legenda solta compondo o cenário e a própria frase seguida de um ponto de interrogação.

Figura 3 – Luto por Orlando



INFANTE. Guilherme. O_capirotinho. INSTAGRAM, 15 de junho de 2016. Disponível em <https://www.instagram.com/o_capirotinho/> Acesso em 2 de março de 2021.

Guilherme Infante publicou no *Instagram* em junho de 2016, a tira da figura 3, em resposta ao atentado em Orlando. Na legenda dessa imagem, o autor escreveu: “Luto por Orlando e por todos os demais milhões de mortes causadas pelos humanos que argumentam em nome de algo além”. Assim como na figura 2, o Capirotinho ainda aparece com traços rudimentares, contornos imperfeitos e os botões da TV assimétricos destacam a sutil imaturidade nos desenhos do cartunista.

O quadrinho da figura 3 tem um fundo significativo, as cores usadas pelo cartunista para representar o fogo, destacam o movimento da suposta chama, simulando chamas mais densas que são alaranjadas e chamas mais superficiais que são um amarelo mais claro.

Há um rol enorme de tonalidades possíveis, o que traz duas consequências imediatas: uma mudança estética do produto e um novo volume de informações visuais a ser trabalhado pelos artistas e interpretado pelos leitores. A tonalidade das cores pode fazer às vezes da figura cinética na indicação de movimento. (RAMOS, 2019, p. 84)

Guilherme Infante, mesmo que de forma ainda prematura, consegue entender as possibilidades do uso das cores em suas tiras e as torna fundamental para a compreensão narrativa, utilizando os recursos de cinética descritos por Ramos (2019) e por vezes transmitindo um conteúdo informacional. Ao longo dos anos e com um número crescente de publicações no *Instagram* e até nas obras impressas, Guilherme Infante faz dos signos plásticos das cores elementos valiosos de inferências e informações.

As dimensões da televisão e os ângulos usados por Infante mostram a televisão em cima de uma superfície plana e a sombra do fogo é posta cobrindo-a. O Capirotinho dentro da TV, protagonizando um repórter, ou detentor de uma notícia, seus olhos com diferentes tamanhos e até o contorno do nariz, mostram a figura de lado, quase de perfil, como se estivesse fazendo uma *pose* para a tela.

Considerando que Guilherme Infante, até então, não tinha técnicas de desenho ou qualquer experiência na arte, conseguiu destacar aspectos importantes e expressivos em seus traços. Todo o cenário que o cartunista traz nessa figura já tem a semântica de uma mensagem, e claro, no sentido subjetivo, sugere um caos maior do que vemos e ouvimos na mídia por rostos serenos e vozes sem qualquer entonação.

Dito isto, e já destacando que o cartunista sempre repete a publicação desse quadrinho no *Instagram* como reposta a situações de crueldade e preconceito divulgadas na mídia, em tal data, foi um retorno ao ataque homofóbico feito em Orlando nos Estados Unidos, o responsável pelo ataque é Omar Mateem de 29 anos, filho de pais afegãos. O país do Afeganistão criminaliza o homossexualismo. Omar, em 12 de junho de 2016 invadiu uma boate gay chamada Pulse e disparou contra todos os ocupantes da boate, conseguindo deixar 50 pessoas mortas e 53 feridas em nome de Deus, foram punidas por serem gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros². (G1, 2016).

Essa é a realidade que faz parte de muitas tiras e charges de Infante, fotografando a sociedade, tendo como foco as ações que denotam a perversidade, intolerância e até mesmo a crueldade que, em preceitos religiosos, é praticada sob

². Disponível em < <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/06/policia-diz-que-ataque-em-boate-nos-eua-deixou-50-mortos.html>>

o comando do demônio. No exemplo, a seguir, constata-se um outro olhar de Infante para a sua leitura do Capiroto em narrativas bíblicas:

Figura 4 - Adão e Eva



INFANTE. Guilherme. O_capirotinho. INSTAGRAM, 18 de junho de 2021. Disponível em <https://www.instagram.com/o_capirotinho/> Acesso em 10 de

A figura 4, publicada em 2021, é uma tira que demonstra a maturidade do cartunista, com técnicas, traços regulares, contornos perfeitos, a inserção de balões com apêndice e o uso das sarjetas indicando o tempo narrativo das cenas. Se compararmos essa tira com as duas anteriores, vemos que o personagem Capirotinho também está diferente, seus chifres estão menores e sua silhueta mais robusta.

Nessa figura, de teor religioso nítido, vemos uma inferência peculiar usada por Infante, o olho da providência, ou seja, o olho que tudo vê. Segundo o Jules Boucher

(2015), em sua obra *A simbólica Maçônica*, o símbolo é a representação da onisciência do grande arquiteto do universo, a verdade, a justiça, o equilíbrio e a significação de que tudo emana da vontade de Deus que observa a humanidade. Dentre diferentes significados encontrados ao olho da providência, podemos concluir que a essência é a mesma, A representação de Deus, de que ele *tudo vê*.

Na narrativa, o olho representa Deus em sua totalidade, direcionando o discurso do livre arbítrio para Adão e Eva. Na próxima cena, o Capirotinho usa uma expressão linguística “Uai”, que já remete ao eu lírico, pois essa expressão é característica da fala mineira de Minas Gerais, estado onde o autor vive. O Capirotinho continua em sua fala, “conta o resto aí, bonitão” essa frase representa uma fala mais próxima da oralidade e em conjunto com a expressão inicial, traz a característica de conversação oral, usando recursos gráficos como a sucessão de pontos, sugerindo a hesitação e posteriormente a pausa.

O olho que tudo vê também denota linguagem, segundo Ramos:

Os quadrinhos também representam visualmente os elementos *paralinguísticos* da conversação, nome dado aos aspectos não verbais presentes no ambiente em que a fala é produzida. Os signos visuais permitem que o leitor observe os gestos e as expressões do corpo dos personagens. (RAMOS, 2019, p.74)

Ao observar as três cenas dessa tira, percebemos diferentes sentidos nas expressões, sendo que a primeira é de atenção e foco, a segunda o olho parece representar o tédio, a frustração, na terceira, o olho aparece voltado para cima, como se estivesse *revirando os olhos* para o que está falando ou fazendo. Assim, agregando o cenário celestial e os questionamentos do Capirotinho em sua fala além da história pertencente à Bíblia sobre Adão e Eva, formamos uma mensagem subversiva que desconstrói a existência do livre arbítrio, deixado por Deus.

A grande discussão que o Infante propõe sobre a religião é o motivo pelo qual fazemos dela o termômetro para medir nossas atitudes, para estabelecer um limite entre o bem e o mal e onde nos encaixamos nessa linha tênue. A Bíblia é um manual de instruções, segui-la nos caracteriza como pessoas de valor, íntegros, de moral admirável. Não segui-la, nos transforma em pecadores e destinados ao inferno.

As redes sociais são palco de preconceito, racismo e intolerância, a liberdade de expressão teve seu conceito deturpado em prol da violência verbal que

infelizmente, ainda faz muitas vítimas de diferentes maneiras. Por esse motivo, o berço do Capirotinho foi às redes sociais, onde paira sobre os diferentes modos de intolerância, escancarando a hipocrisia dos diferentes discursos.

Em 7 de janeiro de 2015, Guilherme Infante publicou uma série de vinhetas no *Instagram*, separadas por publicações individuais, mais que juntas formam uma mensagem em resposta aos 7 pecados capitais. O objetivo dessas vinhetas tem valor subjetivo e cabem inúmeras interpretações, de acordo com as bases religiosas ou não, de seus seguidores e leitores, sendo nos termos mais sucintos possíveis, uma amostra de que a obra de Infante é indisciplinar e abriga diferentes representações sociais, inclusive as que têm um plano de fundo religioso.

Figura 5 - Orgulho



INFANTE. Guilherme. O_capirotinho. INSTAGRAM, 7 de janeiro de 2015. Disponível em <https://www.instagram.com/o_capirotinho/> Acesso em 10 de agosto de 2021.

Tão antigos quanto o cristianismo, o conceito dos sete pecados capitais são provenientes do catolicismo, reconhecidos e oficializados por volta do século VIII por Tomás de Aquino. (VERONA E FREITAS, 2007). Infante fez questão de retratar cada pecado em sua singularidade, representando o suposto pecado, como necessário para a sobrevivência humana.

O cartunista faz uso da palavra “ORGULHO” e não utiliza a palavra soberba de forma proposital. Muitas pessoas não sabem, mas o orgulho é um dos conceitos da soberba, porém, culturalmente ser orgulhoso não é algo equivalente a ser soberbo. Sendo que o segundo passa a ser um adjetivo negativo e interpretado como *ser* alguém que age com desdém em relação ao outro. É fato, que na atual sociedade, precisamos ter *orgulho próprio*.

O Capirotinho na figura 5 tem seus traços rudimentares, característicos das publicações de Infante nos anos de 2014 e 2015, considerando que os desenhos do artista ainda eram feitos com poucas técnicas. Um fundo não muito significativo aos olhos, porém com o signo plástico da cor compatível com a mensagem da tira. Não posso dizer que o autor utilizou de forma proposital ou que essa cor foi usada com bases teológicas, mas posso inferir que por muitas vezes utilizamos os recursos plásticos das cores para ilustrar uma mensagem um sentimento ou uma sensação.

Segundo Eva Reller (2020), a cor púrpura utilizada como cenário do Capirotinho tem uma relação de poder: “Já no velho testamento a púrpura é mencionada como cor de alto preço”. (p.196) destacando que a cor era usada para honrar a Deus, tem significado simbólico, religioso e na antiguidade e era a cor dos soberanos. No Império Romano, somente o imperador, sua mulher e o herdeiro poderiam usar púrpura, tendo como consequência do uso sem permissão, a pena de morte. Vestir púrpura era mais precioso do que usar ouro. O recurso da cor púrpura como plano de fundo do demônio vestindo armadura indica inferências ao poder, ao orgulho, à soberania e corrobora com a subversão do pecado capital (Reller, 2013).

Orgulho próprio, no sentido popular, significa saber do nosso valor e de nossa capacidade humana. Não é ser melhor que o outro, mas é ser melhor a cada dia. Blindar este sentimento e essa característica é fundamental para sobreviver em uma sociedade onde somos atacados por nossos defeitos e fraquezas e mesmo que de forma subjetiva, é essa a mensagem principal do cartunista.

Figura 6 - Inveja



INFANTE. Guilherme. O_capirotinho. INSTAGRAM, 7 de janeiro de 2015. Disponível em <https://www.instagram.com/o_capirotinho/> Acesso em 10 de agosto de 2021.

“Quando os seus irmãos viram que o pai gostava mais dele do que de qualquer outro filho, odiaram-no e não conseguiam falar com ele amigavelmente.” (BÍBLIA ONLINE, GÊNESIS 37:4) A inveja é bíblica e um dos sete pecados capitais, mas é retratada na figura 6 como uma fraqueza. Acontece que nem sempre faz parte da capacidade humana controlar seus sentimentos e é tão normal como qualquer outro sentimento.

A imagem não representa a Inveja como algo maligno e negativo, na verdade, na expressão corporal do Capirotinho, o que se pode perceber é que o discurso transmite uma sensação de tristeza e apatia, os olhos não tão esbugalhados e seu tridente abaixado, além de um possível relaxamento da linguagem corporal do ícone demonstrando o desânimo, corroboram com a mensagem de que este sentimento está além do controle humano.

O recurso usado no signo plástico da cor de fundo, também preenchida de forma mesclada como na figura 5, traz um efeito vivaz, sendo a cor do sangue, da vida, compatível com um sentimento que faz parte da vida humana e está além de seu controle, mesmo que isso cause danos, perigo, raiva e irritação. Próximo ao

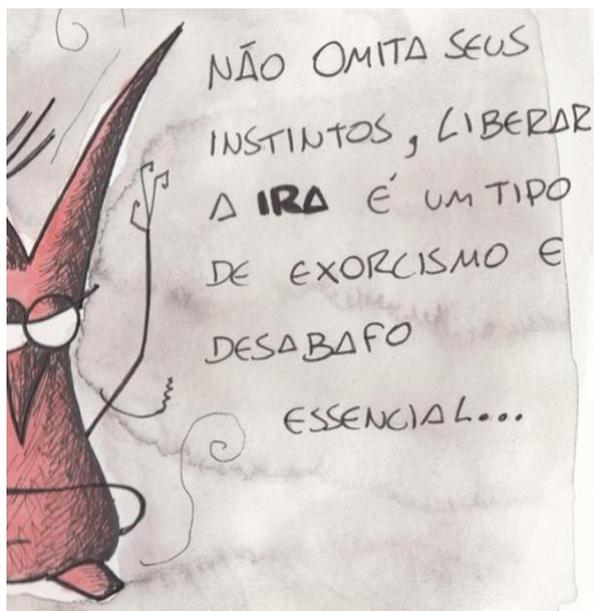
contorno do Capirozinho, vemos um vermelho mais esbranquiçado e com a distância da imagem, podemos ver a cor de forma mais acentuada, sempre em uma mistura que acontece quando a pintura é feita com tinta aquarela.

É importante novamente destacar, que toda análise dessas tiras, tem valor subjetivo com base em leituras de obras importantes, que trazem a religião, a simbologia e psicologia das cores, a linguagem dos quadrinhos, a literatura e os quadrinhos e principalmente a linguística aplicada com as novas demandas sociais. A pesquisa não é feita sob a ótica do artista, mas sob a ótica do pesquisador como leitor de sua obra.

De fato, as cores são simbolicamente importantes para linguagem, sobretudo para os quadrinhos e suas representações e significados não destacam apenas os sentimentos e sensações, mas trazem uma carga histórica da trajetória da humanidade. Sendo importantes destaques nas tiras de Guilherme Infante, que as usa de maneira espetacular inferindo essencialmente diferentes sentidos da linguagem.

A Bíblia versa sobre a “Ira” dar lugar ao demônio. “Quando vocês ficarem irados, não pequem. Apaziguem a sua ira antes que o sol se ponha e não dêem lugar ao Diabo.” (BÍBLIA ONLINE, EFÉSIOS 4:26-27) Controlar a Ira também está aquém da capacidade humana, consegue-se controlar apenas as reações e em alguns casos, nem essas. Por esse motivo, o cartunista ressignifica a concepção que temos sobre esse sentimento, não deixando de criticar os preceitos religiosos.

Figura 7 - Ira



INFANTE. Guilherme. O_capirotinho. INSTAGRAM, 7 de janeiro de 2015. Disponível em <https://www.instagram.com/o_capirotinho/> Acesso em 10 de agosto de 2021.

Irar-se faz parte da humanidade, porém, biblicamente a Ira é vinculada a algo ruim, pois apesar de ser uma característica comum, as reações provenientes da ira podem causar consequências irreversíveis. Traz o demônio com uma expressão de desagrado, raiva, ira e de mãos levantadas sugerem o símbolo em sua versão culturalmente conhecida, com o aspecto maléfico e aterrorizante, porém a mensagem entra em contraponto com nossos preceitos religiosos.

A cor cinza é trazida por Infante como sendo um signo que traz sempre os sentimentos sombrios, nessa charge, até o Capirotinho tem uma tonalidade vermelha escura, indicando que ele está na sombra ou em um canto escuro.

Cinza é a cor de todas as adversidades que destroem a alegria de viver. Os dias de carnaval terminam com Quarta-Feira de Cinzas. Nesse dia o sacerdote traça com cinzas uma cruz na fronte do penitente. Nos Estados Unidos, são chamadas de “áreas cinzentas” as regiões onde o desemprego é especialmente alto. Os que se preocupem adquirem uma expressão cinzenta no rosto – e os cabelos ficam grisalhos, às vezes da noite para o dia. A expressão “não vá ficar de cabelos brancos” equivale a dizer “não se preocupe”. (HELLER, 2020, p.270)

A cor se ambienta na imagem, no cenário, ilustra um momento sombrio e *turvo*, mas a narrativa traz outra perspectiva e interpretação da Ira, como as outras, contrária ao “Pecado Capital” proibido e aberta a necessidade psicológica de falar,

se expressar, desabafar, liberar o sentimento da “Ira” é essencial para a saúde mental. Tal mensagem vem no sentido de desconstruir todo o significado cultural desse tipo de pecado, direcionando o leitor a refletir. Por que irar-se é pecado? Não podemos sentir raiva? Infere-se no sentido subjetivo, a necessidade de cometer esse pecado da “Ira” constantemente, visto que é necessário e essencial para a humanidade vivente do caos social.

Figura 8 - Avareza



INFANTE. Guilherme. O_capirotinho. INSTAGRAM, 7 de janeiro de 2015. Disponível em <https://www.instagram.com/o_capirotinho/> Acesso em 10 de agosto de 2021.

Na segunda carta do apóstolo Paulo a Timóteo, capítulo 6, versículo 10, versa que “o amor ao dinheiro é a raiz de todos os males. Algumas pessoas, por cobiçarem o dinheiro, desviaram-se da fé e se atormentaram com muitos sofrimentos.” No discurso da tirinha de infante, a avareza é parte da modernidade, visto que em uma sociedade capitalista como o Brasil, “ter” é sinônimo de felicidade e o amor pelo dinheiro acaba sendo inevitável, sendo que toda a sobrevivência humana atualmente gira em torno do dinheiro, não há como alcançar a felicidade se não tem uma casa para morar, água para beber ou algo para comer.

O fundo aquarelado, como nas vinhetas anteriores, assim como os traços rudimentares abarcam a figura do demônio usando terno e um tridente de ouro, ilustrando a avareza em sua essencialidade. Nessa tira, o cartunista não desconstrói por completo o significado da avareza trazido pela religião, mas destaca em sua legenda, como um pecado condicional para a busca da felicidade.

O ditado popular “Dinheiro não traz felicidade” é a mensagem que o autor busca desconstruir, pois na realidade do ser humano, só se é feliz com o dinheiro, não se vive feliz com fome, sem casa, sem saúde, sem condições financeiras de manter-se de forma básica. Na atual modernidade, a falta do dinheiro equivale à falta da qualidade de vida que é essencial para a felicidade.

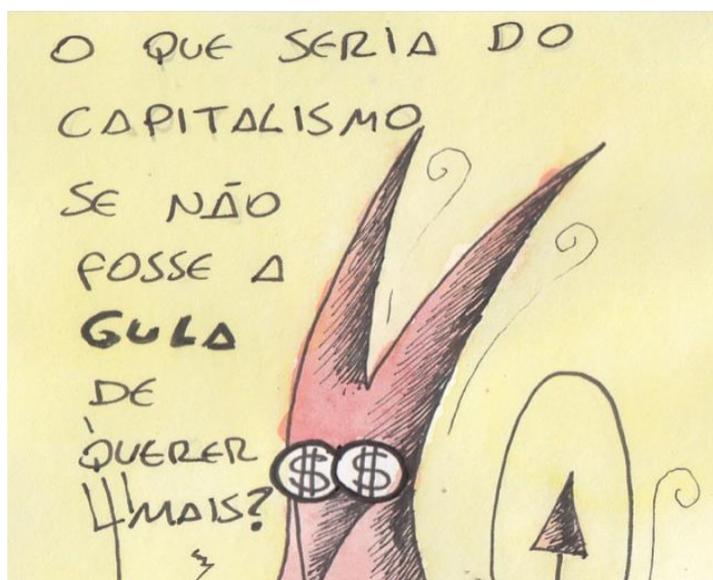
Pode-se perceber que os quadrinhos, um a um, destacam as visões de mundo do autor, o fato de não fazer o uso dos balões para mostrar que é ele quem narra, representar os pecados capitais por um demônio e ressignificar seus conceitos demonstra o descontentamento de Guilherme Infante acerca de uma sociedade, que estabelece seus limites mesmo tendo a necessidade de ultrapassá-los no cotidiano em busca de sobrevivência.

A figura 9, que traz o pecado da Gula, conversa com a figura anterior, considerando que busca por ter cada vez mais é característica da economia capitalista. A imagem do Capirotinho a meio corpo, com cifras nos olhos e o contorno mais destacado, ilustra a mensagem, nesse caso, os olhos da sociedade só enxergam o dinheiro. O que difere nesse quadrinho, é que a bíblia traz a gula no sentido de comer e beber em excesso.

“Tudo me é permitido”, mas nem tudo convém. “Tudo me é permitido”, mas eu não deixarei que nada domine. Deus nos abençoou com uma terra farta de alimentos e nos deu prazer na alimentação, por isso devemos buscar um equilíbrio para manter nosso corpo saudável. (BÍBLIA ONLINE. 1CORÍNTIOS, 6:12).

Visto isso, o excesso é o pecado capital que o cartunista traz em seu quadrinho, mas não o escrito e direcionado nos preceitos religiosos, é a gula em querer mais, *sempre mais*, essa gula move o sistema capitalista no qual estamos inseridos e por esse motivo o autor ressignificou o suposto pecado trazendo-o para a realidade da sociedade na pós-modernidade.

Figura 9 - Gula



INFANTE, Guilherme. O_capirotinho. INSTAGRAM, 7 de janeiro de 2015. Disponível em <https://www.instagram.com/o_capirotinho/> Acesso em 10 de agosto de 2021.

O símbolo do cifrão no olho do Capirotinho é um recurso linguístico para dar base e melhor compreensão do que o autor quer transmitir, já que não é escrita a palavra dinheiro, o uso desse símbolo expressa o sentido de “gula” que o cartunista quer representar, deixando sua mensagem clara e compatível com a realidade. A indagação sugere que o leitor reflita sobre o destino do nosso sistema, como se não houvesse a vontade de querer mais ao mesmo tempo em que não desconstrói a regra religiosa e, mais uma vez a traz como necessária para a sobrevivência da sociedade.

Figura 10 - Luxúria



INFANTE. Guilherme. O_capirotinho. INSTAGRAM, 7 de janeiro de 2015. Disponível em <https://www.instagram.com/o_capirotinho/> Acesso em 10 de agosto de 2021.

A Luxúria, também pecado capital segundo os preceitos religiosos, é trazida de forma comum, positiva e agradável por Infante. A figura 10 traz símbolos que remetem o amor e o carinho. O Capirotinho é desenhado de lado, sentado, com um buquê de flores nas mãos, seus olhos são representados por corações. O contorno da figura maléfica é mais densa, mais acentuada, não há riscos que demonstrem as sombras como nas vinhetas anteriores, o desenho é esteticamente mais limpo. A cor vermelha por aquarela, técnica usada pelo cartunista em todas as vinhetas dessa série, é compatível com a cor do amor, do sangue e da vida.

Cada um, porém, é tentado pelo próprio mau desejo, sendo por este arrastado e seduzido. Então esse desejo, tendo concebido, dá à luz o pecado, e o pecado, após ser consumado, gera a morte. (BÍBLIA ONLINE, Livro Tiago, Cap. 1, v. 14-15) Assim, versa a bíblia sugerindo que consumo do suposto pecado pode gerar a morte perante Deus. Como é sabido por muitas religiões, o pecado da Luxuria é o que abre as portas do inferno para os humanos, sendo trazido em ensinamentos nos cultos e missas de igrejas cristãs e supostamente, evitado antes do casamento.

Até alguns anos atrás, praticar sexo antes do casamento era um tabu. Mulheres que faziam sexo antes e perdiam sua virgindade não eram dignas de ter

um marido, muito menos *eram bem-vistas* pela sociedade. Ainda hoje, é constante a necessidade de reeducar as pessoas, mesmo que mais flexíveis nesse quesito.

A mensagem de Infante, compatível com os outros recursos linguísticos utilizados, traz a Luxúria em sua forma suave, romântica e realista. Mais vez representando o rompimento de muitas barreiras religiosas acerca do sexo, o praticamos na vida pós-moderna sem medo de qualquer punição divina, pois na atualidade, a Luxúria se tornou algo tão agradável quanto importante para saúde mental das pessoas.

A última vinheta da série e não menos relevante, traz a preguiça. É realmente necessário refletir sobre como nós humanos ultrapassamos essa lei e praticamos esse pecado constantemente, depois, ajoelhamos e pedimos perdão a Deus. A preguiça é um pecado inevitável, simplesmente sentimos e por vezes é essencial para nossa saúde mental.

Figura 11 - Preguiça



INFANTE. Guilherme. O_capirotinho. INSTAGRAM, 7 de janeiro de 2015. Disponível em <https://www.instagram.com/o_capirotinho/> Acesso em 10 de agosto de 2021.

O plano de fundo azul, aquarelado, tem uma linha representando o chão e percebe-se que o Capirotinho é desenhado com o recurso da perspectiva, dando a

ideia de altura e profundidade, como se fosse uma fotografia, relacionando a distância do personagem com o fundo e a superfície que esta encima. Tal recurso deixa o Capirotinho em uma posição mais próxima da realidade e percebe-se a intenção do cartunista em mostrar a essência da *preguiça*, apoiado no chão, segurando-se pelos braços e olhando para cima.

Não só a posição desleixada e à vontade do Capirotinho é essencial no quadrinho, mas a mensagem que a legenda traz, “sinto pena de quem não curte a preguiça”, destacando o fato de o demônio ser capaz de sentir piedade de alguém, subvertendo sua própria personalidade, desconstruindo o sentido do pecado capital ao mesmo tempo em que sugere ao leitor sentir preguiça também, pois é algo positivo.

Infante, discorre sobre sermos os responsáveis por tudo o que acontece, não é a ausência de Deus, a vida em pecado, ou a história de Adão e Eva com o fruto proibido que traga a humanidade ao caos. Nós criamos as próprias pragas e somente nós podemos refletir e amenizar os efeitos disso. Porém, preferimos manter a selvageria. As tiras de Infante são realidades retratadas com cores vivas e contornos irregulares, em tom humorístico e sarcástico, a sociedade brasileira segue no palco do espetáculo, a plateia é o próprio demônio, que por vezes, não consegue acreditar na monstruosidade humana.

A religião está presente em todas as tiras de Infante, não apenas pelo discurso, pelos balões, pelo desenho de uma Bíblia, uma cruz ou um anjo. A religião é representada pelo próprio ícone do Demônio. A diferente linguagem que o cartunista utiliza na HQ faz dela um ambiente linguístico que forma uma ideia autônoma de transgressão, cada vinheta, se apoiando em outra, refletem o dinamismo do discurso que interage com as vivências do criador, da figura do personagem e do leitor.

No objetivo de disseminar seu discurso e desconstruir os preceitos existentes sobre um único Deus, sua religião e suas leis, Guilherme Infante utiliza diferentes recursos linguísticos ao mesmo tempo em que provoca seus leitores. Cabe destacar que o próprio demônio na figura do Capirotinho tem um valor semântico singular e quando o cartunista o insere em histórias, charges e tiras provocam outras interpretações religiosas ou não, mas que com a presença do personagem,

embasam a crítica à religião tradicional e a conduta do ser humano que ainda usa a bíblia como um manual de vida.

2.2 A linguagem pós-moderna em O Capirotinho

Quando falamos em realidade da vida humana, vemos que a evolução da sociedade no sentido comunicacional, direcionou as diferentes disciplinas a abarcarem um novo modo epistemológico de produção científica, visto que a modernidade e pós-modernidade traz mudanças refletidas no modo de pensar da sociedade, a linguagem, como ambiente de vida humana transcende de diferentes modos, como percebemos nas obras de Infante com o Capirotinho.

Moita Lopes (p. 21, 2013) diz:

Penso, porém, que a necessidade de reinvenção deva ser compreendida como central em qualquer empreendimento de pesquisa (cf. Moita Lopes, 2004), ainda que não queira chamar aqui que estamos diante de uma nova verdade, mas sim de alternativas para a pesquisa em nosso campo, que refletem visões de mundo, ideologias, valores etc. de seus proponentes e que, claro, como outras, têm suas limitações e são contingentes.

Moita Lopes discorre sobre a necessidade da pesquisa científica em LA responder às diversas demandas da pós-modernidade no sentido de gerar reflexões e novos olhares à compreensão comunicacional da pós-modernidade. Suas falas têm suma importância para entender a linguagem de Infante na complexidade de seus quadrinhos. As entrelinhas dessas tiras trazem uma transdisciplinaridade que ultrapassa diferentes nichos epistemológicos e de fato, produz um estudo linguístico aquém das HQs e Charges de Infante, traduzindo a vida humana em sua cruel realidade, vivenciada diariamente.

As linguagens usadas pelo cartunista, como a arte, a música e a escrita, tem o objetivo de construir cenários que geram uma mensagem crítica a diferentes contextos, por esse motivo, a pesquisa em questão, associa suas tiras ao pensamento pós-moderno, pois traz uma série de textos em intersecção com outros textos, produzindo uma significação que não pode ser unívoca nem estável. (HARVEY, 2016) Temas complexos e até de valor subjetivo são trazidos pelas tiras, deixando claro, as convicções e ideologias do autor. Todas essas inferências trazem

a complexidade das charges e tiras necessitando a experiência de vida de seus leitores e suas vivências sociais.

A relação das tiras de Guilherme Infante com a era pós-moderna é de suma importância para a presente pesquisa, pois é possível perceber que o cartunista usa a religião para discutir problemas complexos que são relevantes para a sociedade e destacam o novo modo de pensar de uma geração, foge dos conceitos pragmáticos e verdades absolutas estabelecidas pela modernidade. “Há, no pós-modernismo, pouco esforço aberto para sustentar a continuidade de valores, de crenças ou mesmo de descrenças”. (HARVEY, 2016, p.58)

Analisando as tiras, percebemos que as linguagens são parte da subjetividade e intersubjetividade do autor, enfrentando a sociedade brasileira, corrompida e saturada por inúmeros problemas. Percebemos algumas tiras que despertam reflexões acerca do fundamentalismo religioso, da política, da igualdade de gênero, do preconceito e em diferentes aspectos trazem o cartunista em sua essência humana, buscando uma fuga, um desabafo e ao mesmo tempo, romper com os conceitos modernistas que ainda fazem parte de sua rotina.

Harvey aborda:

O pós-modernismo, seja qual for à forma que a sua intelectualização possa tomar, foi fundamentalmente antecipado nas culturas metropolitanas dos últimos vinte anos: entre os significantes eletrônicos do cinema, da televisão e do vídeo, nos estúdios de gravação e nas gravadoras, na moda e nos estilos da juventude, em todos os sons, imagens e histórias diversas que são diariamente mixados, reciclados e “arranhados” juntos na tela gigante que é a cidade contemporânea. (2016, p.63)

Os desenhos narram o percurso humano no cotidiano e o Capirotinho à espreita, com ou sem expressões que sugerem uma linguagem corporal, mas que sempre destacam o “ser humano” como próprio causador de seus problemas, sendo o diabo apenas a plateia. As diferentes inferências linguísticas, trazem um retrato histórico do que o pensamento moderno causou na sociedade, bem como a desconstrução do pensamento dicotômico acerca da ação humana em diferentes contextos sociais, que exigem bem mais que verdades criadas.

É característica do autor, gerar um novo olhar à sociedade, á seus problemas corriqueiros e transformar verdades absolutas em opiniões que podem ser

continuamente mudadas. Nada é tão certo ou tão errado, não existem mais conceitos estabelecidos e imutáveis, as tiras pós-modernas do autor rompem com a pragmática da modernidade e trazem em seu conteúdo um espelho da fluidez humana.

2.3 Guilherme Infante em preceitos pós-modernos e multimidiáticos

O Capirotinho deu voz a muitos brasileiros. Seu nascimento proporcionou aos seus seguidores, as reflexões sobre a crise brasileira, estavam no ano seguinte à insurreição de 2013, cansados de políticos corruptos, de tarifas altas no transporte público, do preconceito religioso, da hipocrisia do vizinho, de permanecer calados. Eram tantos motivos para mostrar a nossa insatisfação, que encontrar uma figura maléfica vomitando as verdades que estavam debaixo do tapete foi um grito de liberdade.

Seguindo uma trajetória minimalista, ou seja, com traços rudimentares, simples, poucos quadros, personagens sem características expressivas intensas, as tiras e charges de Guilherme Infante transcendem traços culturais, ideologias e políticas. O cartunista passeia com o seu personagem em diferentes cenários, causando um incomodo ao leitor, incentivando-o a refletir sobre como a sua vida não faz diferença na grande máquina capitalista. Seus textos e imagens são associados há um discurso bem diferente dos quadrinhos de super-heróis, apesar de muito deles, fazerem uso do uniforme do Superman e da capa do Batman.

Barbieri (2017) aborda que as linguagens não são apenas os instrumentos nos quais nos comunicamos, mas são também ambientes nos quais vivemos que determinam quem queremos ser e como podemos nos comunicar, sendo que quando fazemos uso dessa linguagem, ela nos diz quem somos quem queremos ser e como queremos nos comunicar.

Fazer uso de uma só linguagem, não significa que não podemos usar outra. Na verdade, as linguagens não são totalmente independentes, visto que são provenientes do nascimento de outras linguagens, antecedem ou fazem parte de outras, tornando impossíveis as utilizarmos como autônomas (BARBIERI, 2017). Este envolvimento entre as linguagens é perceptível nos quadrinhos de Infante, por

isso a análise baseada na obra de Barbieri é tão importante para o entendimento das tiras de Infante.

O cartunista converge constantemente à linguagem de seus quadrinhos, sejam por aspectos verbais ou em seus desenhos, as vinhetas trazem aspectos expressivos em comum com a música, o cinema, além de seus desenhos se misturarem com pinturas aquareladas ou outras reconhecidas mundialmente e de objetivo diverso ao que Infante faz uso. É possível identificar múltiplas áreas expressivas em comum com as tiras, pois o autor utiliza de temas corriqueiros que possuem valores emocionais, tanto para si como para seus leitores.

Figura 12–Bruxas, Reis e Lobos.



INFANTE. Guilherme. O_capirotinho. INSTAGRAM, 2015. Disponível em <https://www.instagram.com/o_capirotinho/> Acesso em 10 de agosto de 2021.

Na figura 12, percebemos que Infante faz uma analogia à vida moderna com fábulas, um gênero ficcional do tipo narrativo que faz uso de alegorias para construir um sentido em prol de prover um ensinamento. Geralmente, as fábulas são construídas em volta de animais com características humanas, como a inveja, a ganância, dentre outros. Histórias de príncipes, princesas e fadas, são denominadas

Contos de Fadas, que também é um texto do tipo narrativo, supostamente simples de caráter ficcional com um final feliz.

Quando Infante retrata que a vida *moderna* é uma fábula e não um conto de fadas. Infere-se que ele não tem esperança de que a vida *moderna* tenha um final feliz, até porque, os protagonistas da vida *moderna* não são personagens rasos, com vidas perfeitas, caridosos e justos como os príncipes, as princesas e as fadas. Na verdade, somos as bruxas, os reis e os lobos e só queremos o trono de ferro.

Então, percebe-se que Infante não fala mais de conto de fadas e muito menos de fábulas, ao fazer o uso do Capirotinho sentado no trono de ferro, Infante implica o quadrinho de *Game of Thrones*³ da HBO, seriado televisivo assistido mundialmente. Os protagonistas do seriado guerreiam em busca de sentar-se no trono de ferro, ultrapassando os limites da crueldade humana, torturam, degolam, matam, sejam crianças ou adultos, não há limites para se alcançar o objetivo e a vida humana não têm importância.

A linguagem da imagem é supostamente simples, mas o valor expressivo sugere que o leitor precise de conhecimento cultural e intelectual específico para identificar os intertextos. Em apenas uma tira percebe-se a presença de várias inferências de outras linguagens para formar uma frase de modo a intervir no estado psíquico de leitor. Pois se o leitor não tiver o conhecimento específico sobre a série televisiva supracitada, a recepção da mensagem de Infante será divergente dos leitores que já tem a experiência com a série.

A modulação da linha, também destaca aspectos importantes no entendimento das tiras do cartunista, visto que mesmo sem o conhecimento inicial para os desenhos, nem mesmo experiência gráfica, Infante realça seus desenhos com um contorno modulado, expressando a profundidade ou até os traços que quer deixar em evidência, para envolver ou distanciar o leitor de determinados aspectos da mensagem. A citação, a seguir, justifica isso:

A linha modulada é muito mais informativa que a linha plana: e mais informativa não apenas signifique que nos proporcione mais dados. As informações que uma imagem nos proporciona são, com efeito, vividas no nível de emoções e de envolvimento. (BARBIERI, 2017. p.38)

³ Seriado de televisão norte-americano criada por David Benioff e D. B. Weiss, inspirada nos livros de George R. R. Martin *A Song of Ice and Fire*.

Considerar que o autor não tinha um conhecimento inicial de como seus contornos e traços poderia inferir em sua intenção com aquela charge ou tirinha, só deixa em evidência, como a linguística interfere na expressividade do ser humano, que mesmo sem entender a intensidade de seus traços em um papel, as vê em sua representação, pois são resultados de sua personalidade e intensidade.

Mais que desenhar linhas e traços, a cor também é um aspecto muito interessante nos desenhos de Infante. Em seu livro de aniversário de cinco anos do Capirotinho, após narrar o surgimento do primeiro desenho do personagem, o cartunista descreveu que sentiu necessidade do preenchimento com cores, para dar sentido à sua mensagem de representação infernal, como visto aqui no capítulo anterior, as cores têm um valor psicológico importante para o ser humano e Infante as usa com maestria em seus quadrinhos, compatibilizando os recursos linguísticos com a emoção e a razão.

A cor quente que o cartunista faz uso, já determina boa parte de seu objetivo. Popularmente, associamos o demônio às cores vermelhas e alaranjadas, pois são cores que nos remetem ao fogo, as chamas e ao sangue. O recurso plástico da cor é elemento fundamental das charges e tiras de Infante, considerando que de suas tiras são representações da realidade e as cores corroboram para a percepção eficaz do leitor, assim

O uso da cor pode ser, com efeito, não apenas o *contraste* – que, como nessas imagens, torna-as mais evidentes, ou mais *variadamente* evidentes. Para começar a discussão dos conteúdos simbólicos pode se aplicar também aos preenchimentos em preto e branco: o claro pode definir-se perfeitamente por seu contraste com o escuro, e vice-versa, dentro de uma imagem, ou de uma história – mas também há imagens ou histórias que são *em conjunto claras*, e *em conjunto escuras*: e, como leitores, sabemos bem que *tipo de efeito* pode produzir uma história desenhada escura-escura, e não clara. Nesses casos, não é a nitidez visual produzida pelo contraste o objetivo do preenchimento, mas os efeitos emotivos que dependem dos valores culturais – valores simbólicos – que o *claro* e o *escuro* têm em nossa cultura. (BARBIERI, 2017. p.53)

Nas charges publicadas na internet, o cartunista sempre procura preencher toda a tira, representando *o céu*, com *cores azuis*, o *amor* com *cores quentes*, a *escuridão* com *cores frias* e a figura do *demônio* em vermelho sangue. Em seu segundo livro, *O Capirotinho em o manual para dias cinzentos*, o cartunista faz o

preenchimento em cores escuras, em quase todas as páginas, as vinhetas têm o fundo cinza e preto na representação de momentos tristes, depressivos e sombrios.

Em outra obra impressa do autor, sem uma data de edição, intitulada *CAPIROTINHO e suas angústias de ninar*, o Capirotinho é tido como ilustração preta e branca, sem preenchimento. Com páginas inteiramente escritas em uma espécie de diário de insônia, o personagem reclama da humanidade e de suas ideologias, os poucos desenhos que têm, separam as páginas em noites, não há preenchimento em cores e o verso da página ilustrada é *totalmente preto*. Também em algumas páginas, talvez as que representem os piores momentos do demônio, são completamente negras e as letras da escrita estão em branco.

Já no livro de 5 anos, citado em vários momentos na presente dissertação, Infante brinca com as cores *aqueledas*. Até o corrente ano, este é o livro que contém mais Histórias em quadrinhos do que charges e percebe-se uma evolução significativa das publicações anteriores de Infante. As cores trazem a representação do cotidiano da humanidade e com muita propriedade, a carga emocional trazida corrompe os pensamentos passivos frente aos problemas da sociedade.

Guilherme Infante faz o uso da linguagem na terceira concepção de Koch, que a encara como atividade, como forma de ação, ação inter-individual finalisticamente orientada; como lugar de interação entre a sociedade, ou seja, em sua obra, utiliza a linguagem com a finalidade de ação diante daquele estado de psíquico do seu leitor. (KOCH, 2007).

Com poucas vinhetas, o cartunista consegue evidenciar a temporalidade. Nos primeiros anos do Capirotinho, a temporalidade podia-se ser percebida pelos aspectos semânticos da imagem, os conhecimentos históricos e culturais do leitor traziam-lhe os traços temporais daquelas representações.

O diálogo nos quadrinhos é, em geral, aquilo que está contido nos balões. É um pedaço de texto verbal inserido na imagem. E uma característica própria da linguagem em quadrinhos é que esse texto verbal forme parte *efetiva* da imagem, e não faz sentido considerar texto e imagem como objetos separados. O texto verbal, como tal, tem uma duração: as palavras são pronunciadas no tempo, *dura* certo tempo. Assim, a duração das palavras é *representada* na imagem por meio da representação das palavras. A imagem dura (ao menos) tanto quanto as palavras contidas nela. (BARBIERI, 2017. p.214).

Nas primeiras vinhetas do Capirotinho, há um alerta, um aviso ou um conselho e na próxima vinheta, há a sequência ou a continuidade, geralmente acompanhada de uma imagem diferente, ou não, mas o texto marca o tempo de posterioridade ao que foi dito. As ilustrações mais rebuscadas e com a temporalidade mais marcada são vistas nas últimas publicações, tanto nas publicações das redes sociais, como no último livro impresso, quanto o movimento tem aspectos mais delineados.

Figura 13–O que importa?



INFANTE. Guilherme. O_capirotinho. INSTAGRAM, 4 de outubro de 2018. Disponível em <https://www.instagram.com/o_capirotinho/> Acesso em 2 de setembro de 2021.

A imagem desenhada pelo Infante, além do personagem principal traz aspectos problemáticos da humanidade. Não há charges ou tiras que representem o homem como é representado em outros tipos de quadrinhos, com aspectos semelhantes aos seres humanos. Na verdade, o personagem que serve de apoio para o Capirotinho sentar-se em seus ombros é uma caricatura do homem, sem olhos, boca e nariz definidos, sem cabelo, sem cor. Por vezes aparece de forma monstruosa com tentáculos ou contornos que remetem à alienígenas, mas não são representados na forma humana.

A figura 13 mostra a figura do homem de forma grotesca, na segunda vinheta, o personagem humano aparece *babando* com os olhos esbugalhados e tortos. No aspecto semântico, essa tira representa o descaso humano com os problemas sociais, é fácil esquecer o que é situações importantes quando há um leque de distrações que oferecem alívio emocional. Trazer o ser humano em forma caricata, é trazer a monstruosidade em essência da humanidade que não se importa com mais nada, além de seu próprio bem-estar.

Na verdade, a representação humana é tão importante quanto o personagem simbólico demoníaco. Pois através do quadrinho, percebe-se que o ser humano é vazio, sem personalidade, sem preenchimento, sem olhos, sem ouvidos, sem bocas, grotesco e caricato. São partes de um grande sistema e não possuem personalidade, agem de forma inconsequente e mesmo assim, se julgam detentores do saber.

Durante os três primeiros anos do Capirotinho, suas tiras e charges eram em formato de *webcomics*, e talvez tenha sido esse o propósito inicial de seu criador, considerando o contexto já relatado do surgimento do personagem. As redes sociais foram o berço do Capirotinho e seu conteúdo subversivo e transgressivo despertou o interesse de diferentes públicos, uma sociedade que não aceita os falsos moralistas e não se cala diante das impunidades culturais.

A evolução dos traços, dos contornos, do preenchimento e até o surgimento das sarjetas marcam os movimentos de acolhimento e aceitação das tiras do cartunista, que o levaram a aperfeiçoar suas técnicas de desenho. Mesmo com tamanha evolução, há ainda o enquadramento rústico, sem linhas retas, onduladas que reservam o Capirotinho e fotografam sua singularidade naquela realidade, tão próxima da nossa. Não houve mudanças em sua personalidade, ainda é o mesmo diabo que questiona as ideologias humanas.

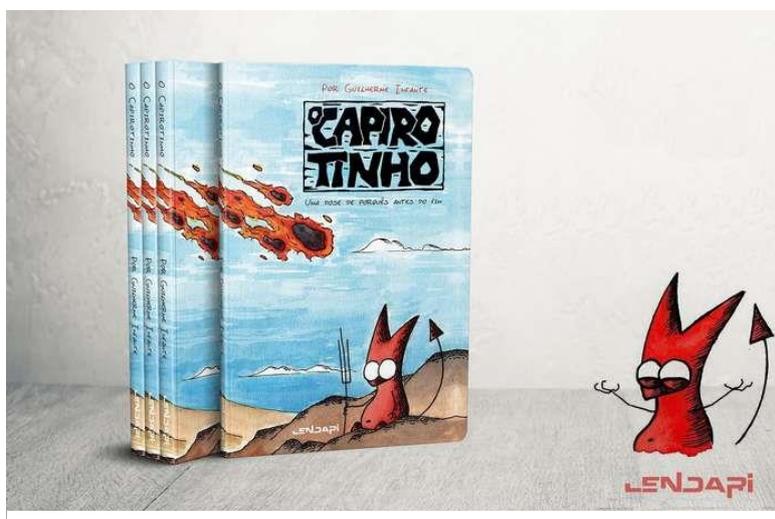
3. AS OBRAS IMPRESSAS DEMARCANDO A MULTIMODALIDADE:

O seguinte capítulo contempla as obras impressas de Guilherme Infante, que trazem o personagem Capirotinho para uma nova modalidade, ocupando novos espaços e transcendendo sua aparição para meios que vão além das redes sociais. A evolução do personagem em suas características físicas, cores mais acentuadas e até a aparição do personagem em determinados temas demarcam a aceitação de um público diferente. Através das redes sociais do cartunista Guilherme Infante, percebe-se que a dedicação na publicação das obras impressas em eventos, palestras e a participação ativa dele na divulgação de seus livros. O personagem passou de uma aparição gratuita que distribui conselhos nas redes sociais para ganhar um espaço nas livrarias e gerar lucro ao seu criador.

3.1 O Capirotinho – Uma dose de porquês antes do fim

Em 2017, as tiras e charges do Capirotinho ficaram disponíveis em outra modalidade, a versão impressa *O Capirotinho: uma dose de porquês antes do fim*. Após três anos pairando pelas redes sociais, a obra reúne charges e tiras que impulsionam seus leitores a refletir sobre o que somos e o que estamos fazendo de nossas vidas na terra. O objetivo do livro não é diferente do objetivo de suas aparições nas redes sociais, ressignifica os livros de autoajuda e oferece conselhos irônicos nada simpáticos sobre a vida humana.

Figura 14–CAPA 1



INFANTE. Guilherme. *O_capirotinho*. INSTAGRAM, 2017.
Disponível em <https://www.instagram.com/o_capirotinho/>
Acesso em 15 de outubro de 2020.

Em apenas uma edição, o livro não está mais disponível para venda, porém algumas de suas tiras estão na página do Capirotinho no *instagram* e realçam o discurso transgressor tão realista que levaram o esgotamento do livro e a sua presença em muitas recepções de consultórios terapêuticos. Aguardando o meteoro capaz de dissipar a vida na terra, o Capirotinho paira em cima de uma rocha com uma expressão aparentemente tediosa para ilustrar a capa do livro.

Com tiras em nanquim, a edição impressa trouxe uma nova modalidade às charges e tiras da internet, distribuindo os conselhos nada convencionais e contrariando a própria vontade de seu criador em ser um livro de autoajuda, resgatando muitas pessoas de suas neuroses e preocupações acerca do mundo, estabelecendo outra perspectiva nada agradável para lidar com os seus problemas.

3.2 O Capirotinho: Manual para dias cinzentos

Em 2018, Guilherme lançou *O Capirotinho em Manual para dias cinzentos*, também publicado pelo grupo editorial Lendari. O cartunista trouxe uma proposta mais direcionada ao resgate emocional e não somente gerar reflexões, como no seu primeiro livro. Dividido em cinco capítulos, a obra traz diferentes nichos da vida cotidiana, abordando assuntos relevantes que causam frustrações para as pessoas, que muitas vezes não conseguem se acostumar ou resolver esses assuntos.

Não é um livro de autoajuda, tão pouco faz uso da chamada “psicologia reversa”⁴, mas o livro tem o título que supõe ser um gênero que contém regras ou instruções de como agir em “dias cinzentos”. O título em si, já propõe uma espécie de ajuda psicológica, considerando a expressão emotiva que a cor traz, mesmo que subjetiva às vivências pessoais e culturais do leitor.

⁴ Psicologia reversa é um técnica utilizada para se conseguir algo por meio de uma sugestão dúbia. Disponível em <<https://www.psicanaliseclinica.com/tags/conceito-de-psicologia-reversa/>>. Acesso em 20 de agosto de 2021.



INFANTE, Guilherme. O_capirotinho. INSTAGRAM, 2018. Disponível em <https://www.instagram.com/o_capirotinho/> Acesso em 15 de outubro de 2020.

Com páginas escuras, preferencialmente em cinza, o Capirotinho passeia por cinco áreas distintas da vida humana, distribuindo suas instruções de como o ser humano deve agir para sobreviver. Em aspectos gerais, é essa mensagem supracitada que o Guilherme Infante traz em sua obra. Em aspectos linguísticos, nos deparamos em uma complexidade discursiva rodeada de símbolos, linhas e palavras dúbias que juntas concretizam a representação de uma realidade existente há algumas décadas.

O primeiro capítulo intitulado “Noite”, o cartunista reuniu trinta tiras, todas com duas vinhetas enquadradas em contornos rústicos, que aparentemente não tem sentido significativo, onde em cada tirinha se conta uma história. Não há continuidade de uma página a outra, porém em cada história o autor consegue realçar a relação temporal de continuidade com a vinheta que antecede ou procede, com técnicas de ação e dinamismo.

Figura 16 –Ela fica



INFANTE. Guilherme. O Capirotinho em Manual para dias cinzentos – Manaus: PulpComics, 2018 p.12.

A cor escura, também se faz presente no primeiro capítulo, representando a noite, a penumbra e em aspectos mais emotivos, o desconhecido. As sombras do Capirotinho, poucas cores e silhuetas, destacam a cor vermelha e chamativa do ícone demoníaco vagando por prédios, janelas, sofás e ombros de humanos sem rostos uniformes e por vezes mais assustadores que o próprio Capirotinho.

A funcionalidade do gênero textual usado por Infante no título acaba aderindo outro sentido a sua finalidade, instruir, orientar, impor regras e talvez salvar através de seu discurso. O texto acaba por ser multimodal e seus significados transmitem uma mensagem diferente a cada leitor, pois apesar de ser baseado em retratos vividos por Infante, também se relaciona com as experiências sociais do leitor.

O Segundo capítulo “amor”, traz em sua primeira página um coração atingido por uma espada. Para Infante, nosso coração deve ser protegido do amor, os amores morrem e geralmente não são recíprocos, há certa aversão a esse sentimento e as tiras retratam isso. Talvez esse seja o trecho do livro que mais defina o objetivo do título, instruir o modo como as pessoas devem lidar com os amores, sem esperanças, sem supervalorizar e sem esperar reciprocidade.

Figura 17 –Amor



INFANTE. Guilherme. O Capirotinho em Manual para dias cinzentos – Manaus: Pulp Comics, 2018 p.50.

“Acima de tudo, porém, revistam-se do amor, que é o elo perfeito.” (BÍBLIA ONLINE, COLOSSENSES 3:14) No discurso bíblico, o amor é Deus e nós amamos uns aos outros, porque Deus nos amou primeiro. De fato, não se pode esperar que Guilherme Infante represente o amor com base nos preceitos religiosos, o cartunista retrata a realidade humana, onde o amor não é tão perfeito assim e revestir-se dele é praticar o suicídio emocional.

O capítulo discorre em muitas tiras que não trazem um amor tão bom assim. Com contornos vazios e inexpressivos, por vezes até sem rosto, o humano não é representado como um ser passível de ser amado. O signo-cor usado para o preenchimento do ícone remetente ao amor realça o descontentamento do cartunista

frente a esse sentimento, por vezes cinza, outros perdendo a cor e muitos vazios sem preenchimento que remetem a um sentimento conotativo.

O terceiro capítulo, intitulado “política” é um verdadeiro retrato da sociedade brasileira, em 2018, no ano eleitoral, falar de política podia até ser comum, mas o Capirotinho é completamente imparcial, se é que tal fato seja possível, nem direita e nem esquerda, ambos os lados direcionam ao mesmo caminho, trazendo a desilusão com a política brasileira e a ineficácia do voto nas urnas.

Figura 18 –Política



INFANTE. Guilherme. O Capirotinho em Manual para dias cinzentos – Manaus: Pulp Comics, 2018 p.75.

O brasileiro é representado por uma figura bem mais caricata do que nos outros dois capítulos, seguindo na linha de pensamento do cartunista, que seguimos em *uma bolha* e quando saímos dela adquirimos os *narizes de palhaço*. As nossas esperanças são ilusões ideológicas e não cabe insistir que o nosso voto será para uma mudança plausível no Brasil, visto que nossos governantes são nosso retrato.

Guilherme faz uma fotografia da realidade brasileira, enquadrando-a e fazendo um recorte temporal que nos faz entender muitas coisas acerca desse tempo e espaço representado. É interessante notar que esse enquadramento feito

pelo cartunista traz aspectos emocionais por vezes não representados nas imagens e balões, mas que nos remetem de forma subjetiva, como ilustra Barbieri.

A operação do fotógrafo é, pois, seletiva, e o é tanto pelo que se refere ao espaço como pelo que se refere ao tempo. A fotografia deteve na imagem um fragmento de espaço e um fragmento de tempo, excluindo o resto do espaço e do tempo. Mas uma boa fotografia, se quiser, tem condições de nos fazer entender muitas coisas sobre o resto do tempo e o resto do espaço da situação que ficaram de fora. (BARBIERI, 2017. p.113)

Estas associações que fazemos ao ler as tiras e charges do Capirotinho, só são possíveis, pois seu discurso representa a realidade do nosso país, conhecida e vivida pela sociedade brasileira. Talvez, pessoas de outra nação que não vivem no Brasil, não entendam suas referências sutis, quando usa as cores da bandeira ou traz a sombra do planalto em Brasília sendo atingido por um meteoro.

O quarto capítulo do *Manual para dias cinzentos* versa sobre o trabalho e sua importância na vida do brasileiro. A caricatura do ser humano é representada em correntes, amarrados por gravatas, em gaiolas, como marionetes, carregando o mundo nas costas e ansioso pelas sextas-feiras. A importância que o brasileiro dá para seu trabalho e a supervalorização para seu diploma acaba por ser desmerecido pelo Capirotinho, que julga, aponta e despreza tanto esforço para enriquecer ainda mais os ricos.

Figura 19 –Trabalho



INFANTE. Guilherme. O Capirotinho em Manual para dias cinzentos – Manaus: Pulp Comics, 2018 p.120.

Guilherme Infante disse em algumas entrevistas que ele tenta ao máximo distanciar-se do personagem, mas como disse também sua história em relação ao trabalho e analisando a sequência de fatos narrados pelo cartunista com a criação do personagem, fruto de sua jornada desgastante, vemos que neste capítulo, fica impossível ter esse distanciamento, o autor aborda algumas referências que só é possível ter a compreensão real se você vive nesse meio.

A maioria das tiras tem a funcionalidade de direcionar e induzir o leitor, esta característica fica nítida, pois diferentes dos outros capítulos, este é o que faz uso constante da segunda pessoa do singular e da primeira pessoa no plural, trazendo o leitor para a reflexão sobre sua existência em um mundo capitalista da qual ele também faz parte.

A relação com as cores faz parte de uma característica marcante das tiras do Capirotinho, sempre remetendo algo feliz a cores coloridas e a tristeza ao cinza e preto. Ele usa essas características psicológicas desse signo-preenchimento para embasar sua mensagem. Letras preenchidas com diversas cores na palavra “SEXTA” e letras sem preenchimento na palavra “SEGUNDA”, considerando que culturalmente só somos felizes na sexta-feira por ser o último dia útil da semana e o comemoramos sua vinda.

O último capítulo *do Manual para dias cinzentos*, Infante traz a arte em uma fuga para a humanidade, usa muitos intertextos, filmes, personagens icônicos, heróis da televisão, faz referências a musicais, traz a caricatura de cantores e figuras importantes que provavelmente tem um significado importante para sua história cultural, assim como para os leitores, já que são personagens conhecidos.

Figura 20 –Arte - Chaplin



INFANTE. Guilherme. O Capirotinho em Manual para dias cinzentos – Manaus: Pulp Comics, 2018 p.140.

Figura 21 –Arte – Pequeno Príncipe



INFANTE. Guilherme. O Capirotinho em Manual para dias cinzentos – Manaus: Pulp Comics, 2018 p.143.

As figuras 20 e 21 ilustram algumas referências que o cartunista utiliza para embasar seu discurso, mesmo que com um fundo obscuro e contornos rudimentares, Guilherme Infante traz figuras singulares que tiveram presença significativa na vida de muitas pessoas. Na figura 20, Charles Chaplin, ator comediante britânico, teve uma significativa contribuição no desenvolvimento da sétima arte, trazido por Infante na primeira vinheta completando a mensagem com Chaplin Colorado, Super-Herói e astro da série televisiva mexicana na segunda vinheta.

A figura 21 traz uma referência a novela do pequeno príncipe, escrita por Antoine de Saint-Exupéry. Esses intertextos trazem o gosto pessoal do cartunista, que os usa na representação de suas histórias, de seus heróis e de sua personalidade. De fato, Charles Chaplin é mundialmente conhecido, ainda reverenciado por gerações, ter sua presença desenhada em uma tirinha datada no ano de 2020, traz a nostalgia pelo tempo que o cartunista nunca chegou a viver, mas que provavelmente seria melhor que o tempo atual.

A busca pela paz é persistente em muitas charges e tiras do autor, mas no livro Manual de dias Cinzentos, essa busca está amortecida. O cartunista tenta

incentivar a conformidade e mostrar ao seu leitor o mundo sobre outra perspectiva, principalmente a de que, no final, nada dará muito certo mesmo e os problemas sempre podem piorar. É um manual sobre a rotina humana, especialmente a da sociedade brasileira, o discurso direciona o incomodo e a reflexão do leitor.

3.3 Capirotinho – E suas angústias de ninar

Este livro é uma compilação de alguns textos feitos por Guilherme Infante no decorrer dos anos de 2015 a 2020. O cartunista reuniu uma espécie de diário noturno para ler antes de dormir, porém o conteúdo de sua escrita é passível de causar insônia em seus leitores.

Um livro simples, diferente de outras publicações e obras impressas do autor, não há cores além da escrita preta em páginas brancas ou da escrita branca em páginas pretas. As páginas ressaltam uma sensação de desespero por estar lendo as confissões noturnas de alguém, como se o leitor estivesse invadindo um espaço sagrado, as angústias do demônio.

Mas no decorrer do livro, a sensação que temos é que o Capirotinho é a própria fala do Infante, sem traços do personagem, muito menos a sua presença pairando nas páginas negras do cartunista, ele se torna o coadjuvante de um discurso melancólico, dramático e realista da humanidade. Sem cores, sem contornos e com poucos desenhos, Guilherme escancara suas angústias e distribui uma obra sem títulos para fazer parte da fabula moderna.

Viver entre vocês é desgastante, decepcionante e sufocante. As melhores partes do dia são aquelas em que não há mais gente ao redor. As melhores conversas do dia são comigo mesmo. A melhor coisa que podemos oferecer é distância. Há exceções, mas são tão raras que o risco não vale à pena. É mais seguro querer o bem de todos de uma janela digital, observando madrugada adentro, a distância. Assistir é um convívio limpo e prático. Num instante estou olhando, mas posso desconectar quando quiser e voltar à minha pacífica vida sem interferência do resto do mundo. Já olhei demais e não gostei do que vi. Hoje passo a maior parte do tempo com as cortinas fechadas. E, caso alguém queira saber, meu conselho pra vocês é: não olhem muito pela janela, não é saudável. (INFANTE, S.d. p.34-35)

Como o autor mesmo relata, esse livro foi concebido por uma pessoa que tem um constante diálogo com os natais passados. Seus textos têm espaços vazios entre os parágrafos e reticências em muitos finais de frases, quase nenhum desenho

ilustra as angústias de ninar, mas muitas páginas pretas separam as falas, talvez representando os dias ou as noites, o raciocínio niilista é palpável aos leitores.

A obra se enquadra mais no perfil humano do que no espectro demoníaco e com a leitura da obra, percebe-se que é muito mais Infante do que Capirotinho. O cartunista, apesar de não trazer os seus desenhos coloridos e irônicos, representa o cotidiano por meio da linguagem verbal, pura, simples e escrita. Que mesmo expressada fora dos balões, transmite a mensagem que Infante transmite todos os dias nas redes sociais por meio de suas tiras.

O cartunista, em suas HQs e charges tenta se distanciar do personagem Capirotinho, mas neste livro é o demônio que o deixa só, se transformando em seu próprio ato de fala. As angústias de ninar trazem o Infante sem as máscaras coloridas, transformadas em vinhetas e molduradas pela ironia, é só o cartunista em sua mais pura representação, dando vida e alma ao personagem Capirotinho.

3.4 O Capirotinho: 5 anos

A obra impressa em comemoração ao aniversário de 5 anos do personagem traz a uma história de vida fascinante. Além dos aspectos gráficos diferentes de qualquer outra obra impressa de Guilherme Infante, percebe-se a evolução técnica do cartunista, traços mais delineados, a inserção de sarjetas, até então raramente usadas nas obras impressas e a homenagem a outros artistas que desenharam o Capirotinho em diferentes formatos.

Figura 22 –Capa 3

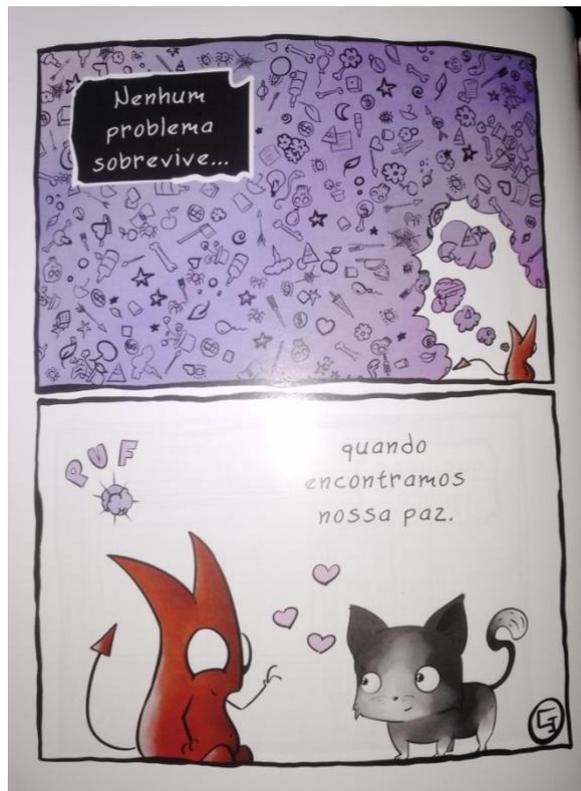


INFANTE. Guilherme. O Capirotinho 5 anos – Produção própria, 2020.

Um livro que tem charges, caricaturas, História em Quadrinhos, tirinhas soltas e um ensaio que conta a trajetória do artista e do personagem. Os múltiplos intertextos trazem o cinema, a novela, a música, a arte, a literatura, a filosofia, a história, a política, as ciências sociais, as personalidades de destaque e como essência, a religião como pano de fundo.

É tão nítida a mudança do cartunista como do personagem, ora conseguimos enxergar o eu lírico, ora conseguimos ver apenas o personagem, Infante infere sua cultura, suas vivências em seus quadrinhos, mas percebemos que a linha crítica e contrária às hipocrisias e atrocidades humanas também direcionaram o artista a adotar filosofias de vida compatíveis com as falas e críticas do Capirotinho.

Figura 23 –Nossa paz



INFANTE. Guilherme. O Capirotinho 5 anos – Produção própria, 2020, p.52.

Guilherme Infante com bases naturalistas, ou seja, transcende para o livro uma ideologia voltada para o cuidado com a natureza, com o planeta, com os animais e com as plantas. O artista começou cada vez mais a transmitir sua rotina aos quadrinhos, talvez se rendendo ao seu demônio interior ou por vezes para propagar suas certezas persuadindo o leitor. A figura 23 é um exemplo simples, porém claro dessa suposta transmissão.

Na primeira vinheta o artista traz múltiplos signos gráficos que simbolizam alguns problemas sociais dentro de uma nuvem enorme de pensamentos, folhas, flores, corações, insetos, lâmpadas, fumaças, caveiras, cifras, estrelas, garrafas, que simbolizam a natureza, o amor, o espaço, os animais, as ideias, a poluição, a morte, o dinheiro, o alcoolismo, dentre inúmeros significados distintos que perturbam o personagem em grande proporção.

Na segunda vinheta, o cenário é claro, o Capirotinho aparece sob corações flutuantes apontando para um gato, com um olhar sem muita expressão, mas que denota um suposto carinho. Atrás do personagem maléfico, vemos uma onomatopéia que representa o som de algo se fechando que é uma pequena nuvem, quase simbólica dos supostos problemas.

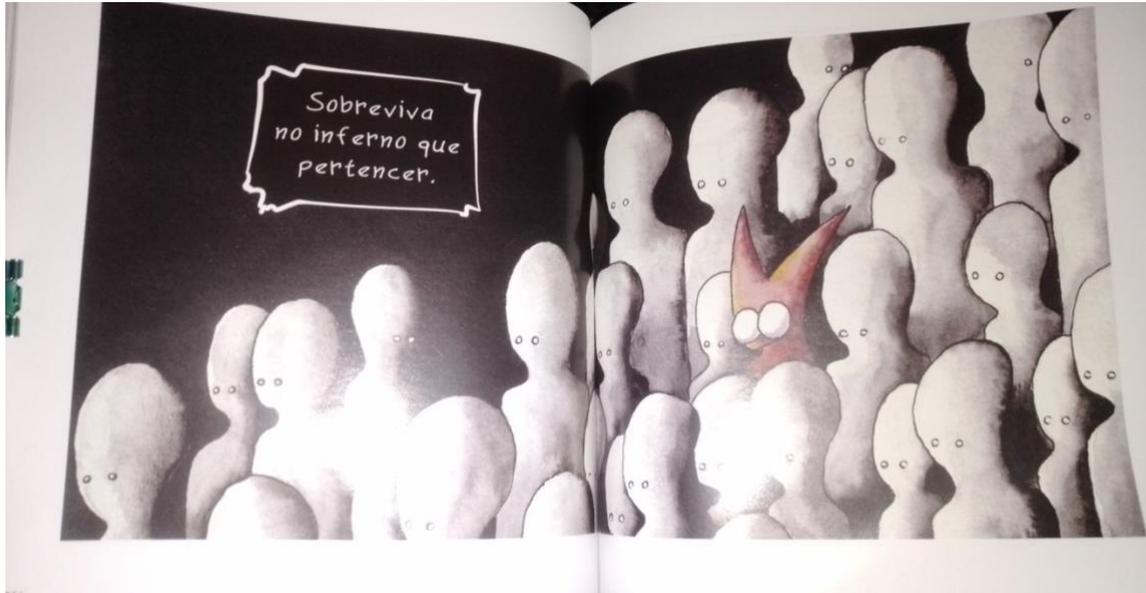
Figura 24 –Paráíso



INFANTE. Guilherme. O Capirotinho 5 anos – Produção própria, 2020, p.122-123.

Outro recurso linguístico que o autor usou para demonstrar a importância da mensagem, da ilustração e o valor semântico para o leitor é a ocupação das duas páginas, dando a impressão de um quadro, um único retrato. A figura 24 mostra uma vinheta que ocupa as duas páginas abertas do livro e a segunda vinheta, continuando a narrativa também ocupa as próximas duas páginas do livro, como mostra a figura 25.

Figura 25 –Inferno



INFANTE. Guilherme. O Capirotinho 5 anos – Produção própria, 2020, p.124-125.

E com um fundo escuro, humanos sem boca, sem roupas, sem braços, com cabeças desproporcionais, o cartunista continua a vinheta na representação do inferno ao qual pertence. Apesar das duas vinhetas serem bem diferentes na forma gráfica, é semelhante em seu discurso e compatível com as vivências de Guilherme Infante, dono de gatos e crítico de humanos.

Além da cor que remete a uma emoção sombria, os humanos sem características denotam a apatia em relação à humanidade, a sociedade, sendo apenas um sobrevivente sem opção, o Capirotinho só se mantém inexpressivo e tácito com suas cores básicas. Diferente da imagem anterior, onde ele se misturou com as cores dos gatos pintados em aquarela.

O cartunista compõe quadros e fotografias da pós-modernidade em muitos ambientes, sobretudo no ambiente da linguagem e passeia por esse mundo dos quadrinhos, sem moldes, sem limites, ultrapassando qualquer conceito conhecido e estabelecido sobre as linguagens e aspectos técnicos dos quadrinhos. Além da própria criação da obra ser uma nova modalidade de publicação, onde o artista lançou um projeto e fez uma espécie de “vaquinha” digital para o financiamento da impressão. É sem dúvida, uma nova modalidade de incentivo aos artistas

independentes e que buscam por apoio para continuar suas produções agregando valor cultural á sociedade.

Essa obra traz inúmeras críticas a figura da pessoa humana e sua sobrevivência por gerações, suas escolhas de vida, suas ações poluentes, o descaso com os animais e com qualquer outra vida que pareça importante. Não é diferente das outras publicações do cartunista até o ano de 2020, mas denota as inferências de mais problemas sociais existentes, além da política, da religião e da humanidade.

A modalidade impressa abre espaços para novos leitores, por conter um conteúdo semelhante a autoajuda, representa a realidade e complexidade das situações no cotidiano, as obras são cada vez mais presentes em recepções de clínicas de terapia ou até indicados por psicólogos e terapeutas para pessoas que, *se quer*, conhecem a página e o trabalho do artista.

As obras impressas de Guilherme Infante corroboram com a mesma finalidade das charges e tiras publicadas nas redes sociais, trazem à tona o incomodo do eu lírico com os problemas sociais, fazendo um panorama do contexto histórico do brasileiro e as atuais realidades. A proximidade com o cartunista e a vivência das mesmas realidades direcionam os leitores a refletirem sobre suas ações no enfrentamento das novas demandas da pós modernidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A arte sequencial, apesar de existir há muitas gerações, foi inserida na rotina escolar do brasileiro com um objetivo específico incentivar a leitura. Dentre os muitos motivos para tal fato, está à suposta linguagem fácil e mais próxima da oralidade, além da complementação com a imagem direcionando as crianças a relacionarem frases com a ação dos personagens. Atualmente e embasados em novas produções científicas acerca dos gêneros das Histórias em Quadrinhos, percebemos que sua presença em sala de aula e fora do ambiente escolar, tem diferentes funções.

Ler uma tira, uma charge exige um nível maior de compreensão complexo, pois passamos a olhar os quadrinhos sob outra ótica, buscando um sentido mais profundo que vai além de aprender a ler. Sua presença em sala direciona a uma análise interpretativa e, além disso, sugere a reflexão acerca de diferentes temas sociais que perpetuam na atual sociedade.

Em um mundo pós-moderno, as Histórias em Quadrinhos trazem uma história cada vez mais próxima da realidade, se tornando uma leitura cada vez mais complexa, pois abarcam inúmeras inferências linguísticas e intertextos culturais para compatibilizar essa aproximação com a realidade, por esse motivo, a pesquisa científica até então inédita com as obras do autor Guilherme Infante, inova e transcende as características inextricáveis.

O artista começou sua trajetória como cartunista no final do ano de 2014, com rabiscos rudimentares e poucas ideias de como vomitar tudo o que estava engasgado. De fato, escrever, falar, desabafar foi uma indicação terapêutica para Infante que o fez com uma propriedade linguística incompreensível já que o artista não tinha técnica ou experiência com desenhos. Em sua última obra impressa, ele traz os traços e rabiscos que deram vida ao personagem e em uma humildade surpreendente abre o *baú* de informações sobre o nascimento do personagem.

Aos poucos a figura maléfica foi conquistando seus seguidores, em *webcomics*, modalidade inovadora que classifica as HQs publicadas apenas por plataformas digitais, sem maiores intenções, Guilherme Infante agregou conteúdos cada vez mais pertencentes aos seus seguidores e percebeu que a necessidade de desabafar era recíproca e estava ali, nas páginas de seus amigos, em plataformas digitais.

As cores em aquarela foram um dos primeiros recursos técnicos usados pelo artista e preencheram os espaços vazios. Aos poucos o personagem foi ganhando uma forma mais robusta e seu contorno ficou mais delineado, menor do que suas primeiras aparições, porém com uma aparência mais agradável. Desde os primeiros traços, seus olhos são inteiramente brancos e mesmo assim, conseguem expressar emoções, com recursos gráficos no desenho, por vezes com a pálpebra cobrindo metade dos olhos, os olhos caídos, ou até completamente fechados.

Essa figura rubra balofa e com poucos traços representa um símbolo complexo, carregado de conceitos históricos religiosos que perpetuam pelo Brasil desde o descobrimento e há muitos anos com o surgimento do cristianismo, dito na Bíblia como o anjo caído e a serpente do mal, carrega muitos aspectos negativos e sombrios em sua representação, que ainda são tradicionalmente trazidos e vividos como bússola entre a dicotomia do bem e mal.

Praticar o bem sempre foi direcionado às pessoas de Deus ou religiosas e todo o resto é proveniente do demônio, essa é a característica tradicional da religião e pauta principal da presença do Capirotinho nos quadrinhos. A busca pela desconstrução desses pré-conceitos enraizados nas máscaras religiosas da humanidade hipócrita, se torna objetivo principal de Guilherme Infante, que utiliza os diferentes recursos linguísticos existentes em sua trajetória para compor sua obra.

Signos plásticos como a cor, foram mencionados muitas vezes na presente pesquisa, pois fazem parte de um recurso tão simples ao mesmo tempo em que denota tantas emoções às cenas, principalmente por serem usadas, muitas vezes, de forma desproposital, onde o artista considerou apenas a sensação ou o sentimento que teve com aquela cor para usar na narrativa e que se tornaram compatíveis com a legenda, balões ou até o valor semântico da cena.

A escritora, socióloga e psicóloga Eva Heller trouxe conceitos sobre as cores que vão além dos gostos pessoais, sendo experiências universais e históricas enraizadas na nossa linguagem. Muito bem agregadas nas vinhetas de Infante, compartilham de sentimentos e se tornam vozes de emoções e significados, assim como os outros recursos linguísticos usados pelo autor.

Conforme destacado na introdução dessa pesquisa, a produção de um trabalho científico destacando os aspectos demoníacos da vida humana é a

desconstrução de muitos tabus, ainda existentes na sociedade contemporânea. O cartunista desde o início de suas publicações nas redes sociais, traz à tona discussões e críticas ao sistema político, social e cultural do país em que vive e assim colabora com a produção artística e literária pós-moderna com a fragmentação das verdades modernas e imutáveis.

As tiras de Guilherme Infante ocuparam um lugar de destaque na sociedade brasileira, pois retratam as construções culturais que cercam a sociedade brasileira, trazendo a multiplicidade das artes, da música, da literatura, da história, da sociologia, da filosofia para dar voz às novas demandas sociais resultantes das mutações do pensamento humano.

Bauman (2014) traz em sua obra conceitos e teorias sobre a modernidade leve, percebemos que somos parte dos nascidos em tempos líquidos, onde a fluidez identitária é característica principal, até para conseguirmos sobreviver em diferentes ambientes impostos, não conseguimos seguir uma única ideologia, muito menos um único modo de viver, somos direcionados à mudança e transição constantemente, essa é nossa essência.

A sociedade fluida, transmutável e pós-moderna de Harvey (2016) demonstra as intersecções e as interações necessárias que formam nossos pensamentos e fazem parte da construção de nossa sociedade atual, com a voz, capaz de refletir e de discutir sobre temas que eram negligenciados e problemas não resolvidos na modernidade.

Infante, traz uma fotografia dessa dinâmica de conceitos e profundas mudanças que a globalização e a evolução no âmbito comunicacional trouxeram. Do rompimento com os conceitos pragmáticos, com as verdades imutáveis com a classificação tácita de pensamentos hierarquizados. As Histórias em Quadrinhos de Infante são retratos minimalistas de nossas ações e de todos os signos linguísticos que precisamos para representar que fomos, quem somos e o que talvez possamos ser.

A presença do discurso religioso, de passagens bíblicas também são características do cartunista, não só pelo personagem demoníaco, mas a necessidade que Infante tem de representar a sociedade como ela é tradicionalmente religiosa. Com diversas rupturas e desconstruções na crença em

Deus, ainda seguimos uma suposta figura divina que nos guia e é pertencente a nossa rotina.

De diferentes formas, o artista mistura as culturas, seus gostos, suas histórias e até seu dialeto em vinhetas complexas, persuadindo os leitores a terem suas próprias reflexões e indagações sobre a vida, ambientando sua mensagem, o personagem e em múltiplas modalidades representando a pós-modernidade na sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Ataque em boate gay deixa 50 mortos em Orlando, nos EUA. G1: São Paulo, 2016. Disponível em < <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/06/policia-diz-que-ataque-em-boate-nos-eua-deixou-50-mortos.html>> Acesso em 10 de outubro de 2021.

BAUMAN. Zygmunt. **Modernidade líquida**; tradução Plínio Dentzien: Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BAUMAN. Zygmunt. LEONCINI. Thomas, **Nascidos em tempos líquidos**: transformações no terceiro milênio: tradução Angélica D'Ávila Melo. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

BÍBLIA SAGRADA ONLINE. Disponível e< <https://www.bibliaon.com/>>. Acesso em 1º de setembro de 2020.

BARBIERI. Daniele, **As linguagens dos quadrinhos**; traduzido por Thiago de Almeida Castor do Amaral, São Paulo: Peirópolis, 2017.

BOUCHER. Jules, **A Simbólica Maçonica - Ou A Arte Real Reeditada E Corrigida De Acordo Com As Regras Da Simbólica Esotérica E Tradicional**: São Paulo; Editora Pensamento, 2015.

HARVEY. David, **Condição Pós-Moderna**; traduzido por Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves, São Paulo: Edições Loyola, 26ª edição, 2016.

HIERRO. Enrique Ventosa, ¿Cuál es el origen del capirote que llevan los penitentes en Semana Santa?: **Jerez sin Fronteras**, 2019: Disponível em < <https://www.jerezsinfronteras.es/origen-capirote-ss-88306/>> Acesso em 10 de setembro de 2021.

INFANTE. Guilherme. **O Capirotinho em Manual para dias cinzentos**. Manaus: Pulp comics, 2018.

_____. **O Capirotinho e suas angústias de ninar**[S.l.: s.n.], [s.d.].

_____. **Capirotinho O pior do Pior**. [S.l.], Ipatinga, 2019.

_____. **O Capirotinho 5 anos**. [S.l.: s.n.], [s.d.].

KOCH, Ingedora Vilhaça. **Inter-ação pela linguagem**. 10ª Ed. 1ª reimpressão: São Paulo: Contexto, 2007

LOPES. Moita, **Linguística aplicada na modernidade recente**: Festschrift para Antonieta Celani – 1ª Ed. São Paulo: Parábola editorial, 2013.

MORRIS. Matt, MORRIS. Tom, **Super-Heróis e a filosofia**: verdade, justiça e o caminho socrático / coletânea de Matt Morris e Tom Morris; Coordenação de Willian Irwi; tradução Marcos Malvezzi Leal, São Paulo: Madras, 2009.

MORRISON. Grant, **Superdeuses**. Tradução Érico Assis. São Paulo. Seoman, 2012.

RAMOS. Paulo, **A Leitura dos quadrinhos**: 2ª Ed.: São Paulo: Contexto, 2019.

RELLER. Eva, **A psicologia das cores**: como as cores afetam a emoção e a razão: tradução Maria Lúcia Lopes da Silva. 1ª Ed. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

TAMANINI. Paulo Augusto. **Ícone Bizantino e a Produção de Sentido**. Dissertação de Mestrado. Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), 2009

VERGUEIRO. Waldomiro. **A linguagem dos quadrinhos**: uma “alfabetização” necessária. In: BARBOSA, Alexandre; RAMOS, Paulo; VILELA, Túlio; RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro (Orgs.) Como usar as histórias em quadrinhos em sala de aula. São Paulo: Contexto, 2014.

VERONA E FREITAS. Caroline Paula, **Abordagem dos sete pecados capitais numa visão de Tomás de Aquino**. Revista Eletrônica Direito e Política, Itajaí, v.2, n.2, 2º quadrimestre de 2007. Disponível em: www.univali.br/direitoepolitica - ISSN 1980-7791. Acesso em 6 de novembro de 2021.